

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

FILIFE POERNER RIBEIRO PAZ

SOMBRA SOBRE GOLIATH: ANIMES, GUERRA E LITERATURA

Porto Alegre
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

FILIPE POERNER RIBEIRO PAZ

SOMBRA SOBRE GOLIATH: ANIMES, GUERRA E LITERATURA

Porto Alegre

2021

FILIPE POERNER RIBEIRO PAZ

SOMBRA SOBRE GOLIATH: ANIMES, GUERRA E LITERATURA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Orientador: Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

Porto Alegre

2021

FILIPE POERNER RIBEIRO PAZ

SOMBRA SOBRE GOLIATH: ANIMES, GUERRA E LITERATURA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

Dr. Ricardo Araújo Barberena

Dr. Luís Roberto de Souza Júnior

Porto Alegre

2021

RESUMO

Este ensaio é um esforço de conscientização para aproximar a escrita literária com as animações japonesas, em particular com o gênero de robôs gigantes conhecido como “Mecha”. O trabalho se divide em duas partes: Uma teórica e uma criativa. Na teórica, apresentei um ensaio que se aprofunda em um anime, *Flag* (2006). Busquei estudar seus personagens principais, construindo uma comparação com outros protagonistas do gênero mecha, de forma que se possa enxergar as diferenças de valores e questionamentos que cada um traz à tona. Entrei em detalhes na criação da mídia animada, o pensamento por trás de sua concepção e como a mentalidade dos seus pioneiros se separou da contraparte ocidental nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial. Como complemento procurei explicar a importância do jornalismo em *Flag*, contrastando com a obra jornalística *Palestina, uma Nação Ocupada* (2000). Embasei minha argumentação na explicação de Robin Brenner (2007) sobre como os animes se diferem na transmissão de sentimentos de fácil identificação com ações ampliadas pela animação, tal qual pela simplificação dos traços dos personagens. Também referencio artigos e livros que relatam a história dos mangás até os primeiros animes que criaram muitos dos tropos utilizados até hoje, assim como apresentam seus próprios olhares na questão do mecha e seu legado, como nos artigos de Joseph Christopher Schaub (2001) e Emir Somer (2010). Destaquei alguns dos conselhos e lições de *Stephen King* (2015) e K.M. Weiland (2016) sobre a construção de personagens e sua importância narrativa. A segunda parte deste trabalho é um trecho de *Sombra sobre Goliath*, um romance de ficção científica e elementos de fantasia de minha autoria. O ensaio engloba as minhas inspirações para a construção do mundo, a narrativa e o uso dos robôs em uma história onde uma ameaça alienígena força os habitantes do planeta Goliath a se refugiarem no subsolo planetário e a viverem escondidos, até o dia em que seus soldados, protegidos no interior de grandes robôs de combate, encontrarem uma maneira de revidar e expulsar ou destruir a grande metrópole alienígena da mesosfera de Goliath.

Palavras-chave: Escrita criativa. Ficção científica. Jornalismo. Mecha. Anime.

ABSTRACT

This essay is an effort to bring literary writing closer to Japanese animation, in particular to the giant robot genre known as “Mecha”. The work is divided into theoretical and creative parts. In the theoretical element, I present an essay that delves into a specific anime related to the genre: *Flag*. I sought to study its main characters, building a comparison with other protagonists of the genre so that one can see the differences in values and questions that each one brings to light. I went into detail on the creation of animated media, the thinking behind its conception and how the mindset of its pioneers broke away from the Western counterpart in the years following World War II. As a complement, I tried to explain the importance of journalism in *Flag*, contrasting with the journalistic work *Palestine, a Nation Occupied* (2000). I based my argument on Robin Brenner's (2007) explanation of how anime differs in the transmission of easily identifiable feelings with actions amplified by animation, as well as by simplifying character traits. Use of articles and books that tell the story of the origin of manga to the first anime that created many of the tropes used today, as well as present their own views on the issue of mecha and its legacy as in the articles by Joseph Christopher Schaub (2001) and Emir Somer (2010). I highlighted some of the advice and lessons from Stephen King (2015) and K.M. Weiland (2016) on the construction of characters and their narrative importance. The second part involves an excerpt from my novel *Shadow on Goliath*, a science fiction work with fantasy elements. The essay encompasses my inspirations for world building, narrative and the use of robots in a story where an alien threat forces the inhabitants of the planet Goliath to take refuge in the underground and live in hiding, until the day when their soldiers, protected inside large combat robots, find a way to fight back and drive out or destroy the great alien metropolis on the Goliath mesosphere.

Keywords: Creative Writing. Science Fiction. Journalism. Mecha. Anime.

SUMÁRIO

1 MINHA INTRODUÇÃO NO MUNDO DOS ANIMES	7
2 FLAG: EM BUSCA DA REALIDADE TRANSMITIDA EM ANIMAÇÃO.....	11
2.1 O QUE SÃO ANIMES E MANGÁS?	12
2.2 SOBRE FLAG	16
3 SOMBRA SOBRE GOLIATH.....	25
REFERÊNCIAS	67

1 MINHA INTRODUÇÃO NO MUNDO DOS ANIMES

Durante a minha infância até o começo da adolescência, eu nunca tinha ouvido falar sobre o que era anime. Eu já havia visto vários, como *Digimon Adventure* (1999), *Dragon Ball Z* (1989), *Naruto* (2002), entre outros. Uma das minhas primeiras memórias é estar sentado no chão assistindo a *Cavaleiros do Zodíaco* (1986) na casa de minha avó.

Foi só em uma das inúmeras visitas a casa de um amigo que eu finalmente adquiri discernimento de diferenciar o que ele e o restante de nosso quarteto estavam consumindo. Na televisão, colocaram para transmitir um episódio de *One Piece* (1999). Inicialmente eu interpretei o que estava acontecendo na tela como um conjunto de estranhezas, uma animação com personagens de proporções gigantescas, cabeças pequenas, muitos gritos em japonês e um tipo de ação bem peculiar. Acho que foi por conta da diferença de linguagem que eu senti necessidade em saber mais. Eu sempre assistia a meus desenhos em português, então não fazia ideia que a maioria dos que gostava eram trabalhos estrangeiros.

Meus amigos então me apresentaram um mangá proporcionalmente mais esquisito, *Mirai Nikki* (2006). De repente, enquanto folheava as páginas ilustradas, algum instinto se acionou no meu inconsciente e, era como se eu encontrasse uma janela aberta com a luz ofuscante das possibilidades onde antes fora sempre um quarto escuro. Era minha porta de entrada para conteúdos voltados a adolescentes, com temáticas mais adultas, violência e sexualidade, que geralmente se levavam a sério demais.

Contudo, eu já havia visto filmes ocidentais voltados ao público adulto de fato, *Dia de Treinamento* (2001), *Se7en* (1995), *O Resgate do Soldado Ryan* (1998) e um punhado de filmes estranhos para crianças assistir que passaram no meu colégio como *Adeus Lenin* (2003) e *O Leitor* (2008). Com nenhum desses eu senti algo perto da excitação que tive ao voltar para casa naquele dia e começar a assistir a versão animada do dito mangá em casa, em qualidade ruim e legendas em português ainda piores.

Muito mais tarde eu descobri que gostava de ler e fiquei muito tempo imerso em literatura ocidental. A exemplo dos filmes que citei, o mesmo aconteceu em termos de sentimentos. Eu me imergia nas histórias, principalmente nas de livros acima de

quinhentas páginas, terminava-os e me sentia do mesmo jeito: acabei uma história muito boa, e só.

Sabe aquele sentimento que você tem quando uma série enorme que você ama acaba? Pois bem, eu senti isso já na minha primeira experiência com um anime, fiquei dias de luto, não entendia se a sensação era boa por ter terminado algo que julguei ser tão bom e único ou se era ruim justamente por isso. Tive inúmeras outras experiências semelhantes até me tornar um pouco mais maduro com a idade. Por mais que hoje em dia *Mirai Nikki* (2011) e os demais primeiros animes que assisti não sejam mais do meu gosto, eu olho para trás afeiçoado com as memórias de tê-los visto.

Antigamente eu, junto de minha mãe e meu irmão víamos inúmeras vezes os mesmos filmes que tínhamos em DVD. Claro que nós locávamos outros filmes para dar uma variada, mas ao menos para mim nunca me tocavam como os que assistíamos frequentemente. Esse incansável hábito mudou quando eu conheci os animes e, cada experiência nova me abria ainda mais a mente de possibilidades e me encantava cada vez mais.

Nos últimos tempos, eu me abri para dar uma chance as chamadas Light Novels, um tipo de livro de extensão entre uma novela e um romance japoneses. A maior diferença para os livros ocidentais são que elas vêm acompanhadas de algumas poucas ilustrações que podem representar um momento importante lido na página anterior ou uma mera representação do todo do livro.

Sabendo da reputação preocupante das Light Novels — execução pobre da escrita no geral, uso massificado de clichês do gênero e em muitas ocasiões histórias ruins —, procurei alguns exemplos de obras mais antigas que influenciaram grande parte dos autores de Light Novels de hoje e definiram muitos dos clichês e narrativas utilizadas por eles a exaustão. Encontrei entre eles *Boogiepop wa Warawanai* (1998), e mais uma vez senti meus horizontes se expandirem com uma intriga elaborada de maneira que nunca antes havia lido, solidificando ainda mais a minha vontade de escrever narrativas tão absurdas quanto essas.

Posso dizer com confiança que a maioria das ideias que tenho para escrever são um amálgama de momentos, referências, ideias pouco exploradas e cenários do mundo dos animes, tudo expandido na minha mente de forma a criar uma identidade nova para alguns aspectos familiares da mídia.

Posso dizer que tento escrever da forma ocidental, a exemplo da estrutura de três atos (TROTIER, 2014), pensando em uma história com conceitos orientais inspirados pelas minhas séries de anime favoritas. Esse formato de trabalho me fascina e me dá inspiração para concluí-las para mostrar ao mundo, independente se essa mistura seja a gosto de poucos. Mesmo declarando que uso da estrutura ocidental, não me acanho em tentar os: “The four steps, kishōtenketsu includes an introduction, development, twist, and conclusion.” (SPENCE e KITE, 2018, p. 63), só até então não havia estudado seus conceitos a fundo, mas seria incrível poder construir uma história seguindo o modelo de roteiro das grandes histórias de mangás e animes.

Flag é um anime diferente: uma história que o meu “eu” de muitos anos atrás provavelmente consideraria ruim, ou mesmo desmerecedora de ser uma animação já que não possui cenas de ação inacreditáveis ou conceitos fora da realidade. Histórias como a de *Flag* soam muito como os filmes ocidentais de que comentei, só que neste caso eu a escolhi como uma espécie de ponte que dialoga com os dois estilos narrativos do ocidente e oriente.

Seguindo o preceito do universo de *Sombra Sobre Goliath*, quis ajudar a uma propagar os temas de um anime a meu ver pouco conhecido, principalmente com o público consumidor de animes brasileiro. Quero apontar a discussão sobre as casualidades de uma guerra que o povo parece não ter escolhido fazer parte. Onde um pequeno grupo de extremistas toma as rédeas das organizações e acaba com a ordem social às custas de quem não tem nada a ver com isso em uma tentativa fútil de se impor contra um inimigo de capacidades aparentemente infinitas. No fim, como na vida real, os esforços dessas organizações acabam sempre dando resultado mais complexo que o esperado e frustrando as forças de oposição e sua própria população, esmagando suas esperanças de paz.

Junto a isso quero também investigar a construção de personagens de *Flag*, assim como comparar as diferenças entre os tipos de protagonista do gênero mecha. Em *Flag* temos protagonistas que são meros jornalistas tentando mostrar a verdade e proteger as pessoas que encontraram em Uddiyana da forma como podem. É um contraste grande com a maioria dos personagens do gênero, aqueles pilotos de robôs gigantes, heróis, príncipes, revolucionários de determinação inabalável com o poder em suas mãos para determinar os destinos do mundo na narrativa.

Intento em fazer correto uso das técnicas narrativas japonesas no futuro próximo com subsequentes trabalhos de minha autoria, mas em pequenas doses, mais como um

artifício com o qual tenho familiaridade e que posso apresentar sempre que achar necessário. Para *Sombra Sobre Goliath* evitei o uso do recurso para ficar mais próximo da proposta de *Flag*, que seria uma instância um pouco mais rara no mundo da animação.

A minha ideia com *Sombra Sobre Goliath* não é publicá-la como uma Light Novel, mas sim publicá-la de maneira tradicional como uma celebração do gênero mecha no geral, mas principalmente do estilo de narrativa japonesa aplicado em animes e mangás. Não pretendo criar a minha versão de um mecha japonês em forma de livro, mas sim uma história que se influencia desta magia diferente de uma terra distante cheia de esquisitices, mas que chega mais próximo de tocar o fundo do nosso coração, ou da nossa alma, — como preferir.

2 FLAG: EM BUSCA DA REALIDADE TRANSMITIDA EM ANIMAÇÃO

É complicado exemplificar como a escrita literária pode se beneficiar das influências de uma mídia audiovisual tão expressiva quanto a das animações e dos quadrinhos, especificamente animes e mangás. O problema é que o exagero visual, a infantilização de características físicas dos personagens ou cenários e supressão de nuances é intrínseco ao apelo das ditas mídias. Esses exageros e limitações da complexidade da demonstração de emoções são propositais, derivados da vontade de que os mundos e personagens criados sejam entendidos da forma mais visceral possível.

Por isso vemos cenas de ação bombásticas onde a lógica é deixada em segundo plano em favor do vigor da animação, de maneira a deixar aquele momento extremamente divertido, entretendo o leitor ou espectador. Da mesma forma é por isso que é tão fácil entender os sentimentos de um personagem que exibe olhos grandes e brilhantes, quase como se possuíssem vida própria, sendo em uma cena de drama pesado ou de comédia, com choro ou risos ou expressões um pouco mais sutis, ainda assim bem compreensíveis já à primeira vista.

É argumentável que todos esses fatores são visuais, e, portanto, sua reprodução em um livro sem ilustrações é muito difícil ou mesmo impraticável pelo fato de que uma cena completamente fora do possível como reação a algo cotidiano não obteria o mesmo impacto que na tela. Robin Brenner argumenta no seu livro *Understanding Manga and Anime* que:

In the world of manga, a character's clothing, hair, and appearance say as much about him or her as the text. For example, a handsome young man with wide eyes, thick eye brows, an easy smile, and a spiky hairdo is recognizable as the hero of many shōnen (boys') manga. His enemy is usually older, leaner, dressed in a more elaborate way, wears jewelry, and has narrow eyes fixed in a menacing glare. These are stereotypes, and characters may and do break the visual mold, but these clues are strong indicators of a character's nature. In modern stories, photorealistic background images are also often used, and the reader is expected to recognize a building and understand where the scene is set. When the background drops away or a character suddenly changes into an exaggerated version of their usual appearance, the images of the story are changing in ways that are vital to understanding the progression of characters and plot. (BRENNER, 2007, p 28)

Em seguida argumenta precisamente que:

In the world of manga Because everything happens on a melodramatic scale in manga, every aspect of the art is used to heighten the drama. For example, in a fight scene, the background dissolves away into action lines showing both

the character's momentum and intense concentration. In comedy, wildly exaggerated reactions, motions, and changes in appearance are all part of the laughs; they give manga the manic quality that some readers find difficult to accept. In drama, the pacing most often sets the tone, allowing for long silences within the story to extend the tension and accentuate the inner struggle of the characters. All of these techniques are used to highlight the story's emotional life, and although Western comics use similar tactics, they have never been as consistent or inherent a part of the medium as in Japan. (BRENNER, 2007, p 28)

Entretanto temos algumas instâncias na literatura em que podemos aplicar um uso prático a essas técnicas, se for do nosso desejo fazê-lo. No entanto, para não cansar o leitor com tanto exagero o tempo todo, essas técnicas devem ser usadas em momentos específicos de catarse ou de retrospectão profunda dos personagens. Como na explosão incessante de sentimento de perda, dor e empatia de mãe da personagem do conto *Ira das Mães*, incluído no livro *Se choverem Pássaros* (MARTINS, 2002), ou pegando um exemplo mais comum de ação exagerada em *Kizumonogatari: Wound Tale*: “My body, smashed into dust, was mended back to its original state by the time the wind carried it away, only to be smashed again, mended again, smashed once more, and eternally mended — that kind of hell.” (ISIN, 2018, p. 311).

2.1 O QUE SÃO ANIMES E MANGÁS?

Antes de prosseguir com a discussão sobre Flag, é necessário que saibamos mais sobre a mídia na qual ele se originou e sobre seu gênero. Animes são desenhos animados de mangás. Os mangás são um século mais novos que os animes, se originando do trabalho de Katsushita Hokusai. Segundo Furuyama:

Dentre os artistas de Ukiyo-e desta época vale a pena citar o trabalho de Katsushita Hokusai (1760-1849) pois foi dentro da sua obra que pela primeira vez se usou o termo mangá, alpm de ele ser um dos primeiros a utilizar as imagens em sucessão, o que é a base da história em quadrinhos. (FURUYAMA, 2008, p. 17)

Mangás são quadrinhos que se lê de trás para a frente seguindo o modelo de leitura japonesa. São quase sempre produzidos em preto e branco, o nível de detalhes dos personagens e em especial os cenários pode variar bastante devido à fase do autor ou da evolução do seu talento já que muitas das maiores histórias de mangás decorrem por anos. Os mangás tendem a dar ênfase em conduzir a ação pela transição de um painel ao outro, assim como entre páginas. Em um painel a cena começa, no outro se constrói impulso e

no último se encaixa o impacto do golpe, por exemplo. Nos quadrinhos ocidentais o foco é numa grande cena de ação acontecendo em um único painel.

In one of the only quantitative analyses comparing comics and manga, comic author and theorist Scott McCloud (1993) noticed differences in their use of “panel transitions”—characterized relationships between the content of comic panels. American books dominated in Action-to-action transitions ($\leq 60\%$), which shift between panels showing the representation of an action, followed by Subject-to-subject ($\sim 20\%$) transitions showing shifts between characters in the scene, and finally Scene-to-scene transitions ($\sim 15\%$) shifting between two locations. Manga also dominated in Action-to-action transitions ($\sim 50\%$), and also had several Subject-to-subject transitions. McCloud found that manga used an additional type of transition as well though: Aspect-to-aspect transitions ($\sim 15\%$) characterized by the “wandering eye” that they cast on different aspects of the scene. McCloud attributed these differences to two different “artistic” mentalities, with “Western Art” being fairly “goal-oriented” in contrast to the Japanese focus on “being there over getting there” (McCloud 1993). (COHN, 2011, p. 121)

Animes são versões animadas de mangás e, elas adaptam em sua maioria os mangás mais famosos principalmente como método de marketing para as franquias. Mais raramente são produzidas animações originais nos seus diversos formatos, e *Flag* se trata de uma delas. Os gêneros de animes, assim como nos mangás, é recheado de variedade para todos os gostos, por isso embora a indústria tenha muita dificuldade em manter consistência nos seus trabalhos como é o caso das animações ocidentais, a paixão e originalidade singulares são motivo dos animes terem se tornado um fenômeno mundial hoje.

Osamu Tezuka refletiu os anseios da população japonesa no período pós-guerra, se afastando do modelo mais cômico e animado criado por Walt Disney para idealizar histórias com atmosfera mais pesada, onde seus personagens sofrem com perdas terríveis de família e físicas, como em *Dororo* (1967).

While the earliest known Japanese animation dates from 1917, and many original Japanese cartoons were produced in the ensuing decades, the characteristic anime style developed in the 1960's notably with the work of Osamu Tezuka and became known outside Japan in the 1980's. Most of the time, anime comes from a manga - Japanese comics. (SOMER, 2010, p. 3)

Infelizmente o modus operandi atual da indústria fere muitos dos princípios que fundamentaram os animes na sua concepção. As novas temporadas nos últimos anos têm sido inundadas de tropos usados e reutilizados à exaustão, sem qualquer tentativa de substância, de experimentação:

Tezuka was convinced that the format could be used to tell every kind of story, from adventure to comedy to serious drama. He began by telling stories that featured long story arcs and in-depth character development, notably paying

attention to the passage of time. Kimba the White Lion, for example, shows a lion cub growing up and becoming an adult lion rather than remaining a cub for an unnaturally static existence akin to Fuku-chan's eternal little boy or superheroes perpetually stuck in their early thirties. (BRENNER, 2007, p. 7)

Mas ainda há espaço para verdadeira arte na animação japonesa. Por mais que a maioria dos animes seja feito para audiências de menor idade em produção massificada, trabalhos sérios persistem até hoje pois a terra do sol nascente tem inúmeros talentos que se esforçam para perpetuar o legado de Tezuka e de tantos outros que contribuíram para este maravilhoso legado cultural.

Like many anime, Astroboy started out as a manga, or comic book, created for an audience of postwar Japanese baby boomers. Tezuka was a great admirer and imitator of Walt Disney, so much so that he is often called 'the Walt Disney of Japan' [Levi, 1996; 19]. He pioneered many of the animation techniques which are still widely used in Japan today. (SCHAUB, 2001, p. 82)

Mecha é um gênero de ficção científica e até mesmo fantasia muito propagado em mangás e animes, mas que possui algumas obras ocidentais com fortes semelhanças como no romance de H. G. Wells, *A Guerra dos Mundos* (1894). As histórias do gênero destacam robôs gigantes em campos de batalha para lutarem entre si, contra monstros ou contra humanos armados.

Mecha-anime are primarily science fiction narratives, often taking place in dystopian futuristic cityscapes where advanced technology figures prominently. They cover the full spectrum of screen narratives, from broadcast television programmes to feature films, and even what are known as OVAs (original video animations) which are released directly for sale as VHS cassettes or DVDs. It is impossible to speak of mecha-anime as an exclusively Japanese creation, because the genre itself is a hybrid born amidst the intense competition and cooperation which have characterized economic and technological relations between the United States and Japan in the postwar era, and reached a fever pitch in the 1980s. The literary equivalent of mecha-anime is the genre known as cyberpunk. Both present a relationship with technology which is fundamentally different from that found in the science fiction narratives of the previous era. (SCHAUB, 2001, p. 80)

Com a popularização do gênero no japão, o mercado buscou assegurar essa fatia de um público infantil em potencial, criando séries de brinquedos como os *Transformers*, e conseqüentemente se expandiram para o ocidente, catapultando a popularidade dos robôs nos corações dos jovens. Brenner comenta que: “Toys were, and still are, a major inspiration for stories revolving around robots, artificial intelligence, and combinations of man and machine.” (BRENNER, 2007, p. 160). Existem subgêneros que se destacam uns dos outros, encontrados e categorizado em sua maioria nas mídias japonesas como o “Super Robot” e o “Real Robot”. No primeiro temos robôs de tamanhos imensos, desde

equivalentes a prédios de dezenas de andares como em *SSSS.Gridman* (2020), até rivalizando o tamanho de galáxias nas batalhas estelares de *Tengen Toppa Gurren Lagann* (2007). São robôs que possuem o dom da consciência própria ou são produtos únicos sem uma origem clara com poderes infinitos e propósitos misteriosos. O segundo se refere a histórias em que os robôs são produzidos em massa como uma máquina de guerra qualquer ao invés de serem produzidos para uma única pessoa pilotar. Geralmente são abordados conflitos militares em larga escala, seus personagens são membros de exércitos e reportam ao comando de unidades especiais ou experimentais de mechas. O subgênero faz muitas alusões e críticas à guerra moderna da vida real e suas consequências. O exemplo mais ilustre são as inúmeras iterações da franquia *Gundam* desde o final dos anos setenta, chegando até os dias de hoje com exemplos bem recentes e ilustrativos como *86: Eighty Six* (2021). A popularização dos robôs gigantes nos anos setenta pode ser atribuída a animação *Mazinger Z* de Gō Nagai, abrindo espaço para a criação da franquia *Gundam* no final daquela década. (DENISON; RAYNA, 2015).

Seguindo esta mesma linha temos variantes do uso dos robôs, independente do subgênero. Em sua maioria as máquinas são pilotadas manualmente em uma espécie de cockpit, como em *Choujikuu Yousai Macross* (1982) e outros títulos citados. Destaco também a variante de quando os robôs possuem ou atingem consciência. Temos exemplos clássicos como o próprio *Tetsuwan Atom* (1963) de Osamu Tezuka, caracterizando a máquina à imagem e semelhança de uma criança, com sentimentos próprios, que fazia brincava e frequentava a escola. Seu criador, Doutor Tenma, o constrói como uma espécie de substituto para seu filho falecido.

Uma obra filosófica desta variante se encontra no filme *Koukaku Kidoutai* (1995) e a adaptação da franquia para a televisão *Koukaku Kidoutai: Stand Alone Complex* (2002). Nelas a protagonista, Major Kusanagi Motoko, é uma ciborgue de corpo todo, excluindo seu cérebro. Ela comanda uma força especial da polícia, a Sessão 9, que lida com crimes cibernéticos e ameaças terroristas. Sua constituição física é sobre-humana e seu conhecimento de hacking a torna uma personagem extremamente autossuficiente e profissional no que faz. Em um momento do filme ocorre uma fusão de sua consciência com uma inteligência artificial e é deixado implícito que ela tenha atingido um nível de evolução cognitiva superior. Na série seu corpo é destruído mais de uma vez e ela consegue preservar sua consciência na internet, o que traz o questionamento se a pessoa

que tomou controle do novo corpo de Kusanagi Motoko é a consciência original ou uma simples cópia.

Ainda na série temos a introdução dos Tachikoma, robôs tanque que servem à Sessão 9 nas suas missões de campo. Cada uma das inteligências artificiais dos Tachikoma é única, e conforme a série progride elas ficam cada vez mais inteligentes. Eles fazem piadas entre si e com os membros da força tarefa, tem uma atitude em geral infantil, querem receber atenção e acima de tudo, são muito curiosos. Chegam ao ponto de tentar entender a existência de Deus e, até criam uma teoria baseada em numerações, diferenciando seu conceito para os baseados em dados como eles próprios e para os humanos que possuem um “Ghost”, uma alma. Acreditam que, por humanos terem um “Ghost” eles têm muita sorte de poderem morrer.

The series shows an imaginative variety of *cyberization* as it explores the various crimes and manipulations possible in this world. In this universe, one politician has given up his human form entirely and now resides inside a two-foot-square robot on wheels with only a small mechanical arm. People are able to switch bodies with relative ease, leading to all manner of illegal swaps and an inability to trust anyone’s presented persona. People can also be hacked and their memories can be altered or erased without their knowledge or consent. Cybercrime is rampant and difficult to trace, and much of the genius of the series revolves around speculating on how society could and would change in integrating so completely with machines. (BRENNER, 2007, p 164)

2.2 SOBRE FLAG

A animação chamada *Flag* foi lançada em 2006 como uma ONA, sigla para Original Net Animation, um modelo de distribuição do produto realizado na internet. É dividida em treze episódios de vinte e quatro minutos animados pelo estúdio The Answer. Criado e dirigido por Ryousuke Takahashi, um dos membros da indústria pioneiros do subgênero “Real Robot”. *Flag* conta a história de Saeko Shirasu e Akagi Keiichi, jornalistas que vão até o país recém pacificado de Uddyana para cobrir os esforços das nações unidas em garantir a paz antes que um novo estopim mergulhe as diversas facções de volta a um conflito aberto.

Flag, além da política e da ação silenciosa, é uma obra sobre amizade verdadeira, sobre humanidade, sobre buscar a verdade em um ambiente sombrio, problemático, de sofrimento infindável. O conceito da história me intrigou profundamente, um drama político-militar lento com robôs gigantes aplicando algum grau de realismo. Mesmo que meu principal interesse em assistir a série fosse ver uma história focada na ação de

mechas, com diálogos e história potencialmente bons, me surpreendi com a natureza dos personagens principais.

Enquanto a maioria dos principais protagonistas do gênero são os pilotos — militares designados por suas respectivas cadeias de comando ou simplesmente meninos e meninas com infinita energia e determinação —, tanto Saeko Shirasu quanto Akagi Keiichi são apenas jornalistas que cobrem o conflito em Uddiyana. A imagem da Bandeira de Shirasu posicionada entre o sol e o templo sagrado da capital Subasci se tornou a fotografia mais famosa do mundo, marcando sua presença até mesmo para pessoas distantes que vivem em paz.

Para compreendermos como *Flag* trabalha com seus personagens, precisamos entender este conceito. Personagem é o fundamento em torno do qual toda história se desenvolve. Sem personagem, não há história a ser contada. Sua função principal é fazer a narrativa avançar através de suas ações e de suas consequências.

Para que uma história seja bem sucedida é necessário que o leitor seja fisdado pelas dificuldades do personagem, para que dessa forma consiga se importar com os seus pensamentos, opiniões, como ele lida com as pessoas e como ele vai atingir seu objetivo. Um personagem odiado ou entediante aos olhos do leitor é receita para o desastre, mas não se engane, ele pode ser fraco, pode ter cinquenta defeitos, pode ser um assassino, um covarde, um doente. Quanto mais defeitos melhor, entretanto é preciso balancear tais características com um bom grau de empatia.

O personagem principal dificilmente pode ser um assassino porque gosta. Se for o caso, quando ele for preso ou morto o leitor ficará feliz com sua queda, aliviado que seu personagem falhou para nunca mais voltar a perturbá-lo com sua presença. É preciso um por quê, existe um motivo para tudo, e se o escritor pretende conquistar o leitor com seu personagem aparentemente irredimível, ele precisa ter muita técnica e humanidade para ser bem sucedido.

Já se o personagem tiver muitas deficiências que precisa superar antes de alcançar o que mais quer ou precisa nesse mundo é importantíssimo que haja desenvolvimento de seu caráter durante a narrativa. Esse desenvolvimento pode ser positivo ou negativo, ou seja, o personagem pode sair de um estudante com pouca autoestima para alguém muito confiante, ou pode ser um advogado que começa a história acreditando na lei como um religioso crê no texto sagrado, e no fim a narrativa destrói essa crença e o transforma em uma pessoa niilista e desconfiada permanentemente no aparato estatal de justiça. “Instead

of a character who grows out of his faults into a better person, the Negative Change Arc presents a character who ends in a worse state than that in which he began the story.” (WEILAND, 2016, p. 3)

Esses arcos de personagem podem também serem estáticos. O personagem pode já ter alcançado boa parte ou todos os seus objetivos de vida, e agora serve como uma figura paterna ou um mentor para outros personagens. Não é regra que ele não possa mudar, mas em via de regra sua jornada agora é passado, ele já alcançou a sua verdade e se tornou mais sábio por isso, estando disposto ou não a guiar os outros que ainda não chegaram no seu patamar. “The flat-arc protagonist will be confronted with tremendous opposition. He will at times be shaken. His commitment to the Truth will be tested to the breaking point—but he will never step away from it.” (WEILAND, 2016, p 140)

O renomado autor Stephen King faz alguns apontamentos sobre personagem no seu livro *Sobre a Escrita*:

Fora da ficção, cada um de nós se vê como o personagem principal, o protagonista, o chefão; a câmera está em nós, baby. Se você conseguir levar essa atitude para sua ficção, não vai achar mais fácil criar personagens brilhantes, mas será mais difícil criar os cretinos unidimensionais que existem aos montes na ficção popular. (KING, 2015, p. 163)

Ele dá ênfase clara no que o autor está pensando na hora que vai construir seus personagens, se foca muito nas perguntas que o autor deve fazer em sua mente dependendo da situação em que quer meter aquele personagem:

Ao se perguntar o que determinado personagem vai fazer em vista de certas circunstâncias, a decisão será tomada com base no que você faria (ou não faria, no caso de um vilão). Além das versões de você, entram as características boas e ruins do personagem, observadas em outras pessoas (um cara que tira meleca quando acha que não tem ninguém olhando, por exemplo). Também há um maravilhoso terceiro elemento: pura imaginação, sem limites. (KING, 2015, p. 164).

Para ele a prática e honestidade é o que separa bons escritores dos medíocres: “As habilidades em descrição, diálogos e desenvolvimento de personagem se resumem a ver e ouvir claramente e depois transcrever com a mesma clareza o que foi visto e ouvido” (KING, 2015, p. 167).

É curioso ver que, ao longo de todo o anime *Flag*, a visão do público é a mesma do ponto de vista do personagem através das lentes da câmera que eles carregam, tornando-o único entre o gênero e ao mesmo tempo ainda mais pessoal do que os ângulos de câmera que vemos colados nas cabines do piloto quando eles estão lutando contra a dor, o sofrimento e a morte em primeira mão.

Vemos um olhar sóbrio e íntimo sobre o trabalho e a ética de Keiichi enquanto ele configura sua câmera e arquivos de computador, fala sobre seu progresso, a situação política de Uddiyana ou da sua motivação para encontrar sua colega de trabalho e amiga Shirasu. Em seguida, ocorre a transição para a próxima cena e seguimos ele ou Shirasu para seu próximo assunto de interesse, conversando entre os dois enquanto tiram fotos de si mesmos, estabelecendo ainda mais sua relação, bem como a extensão do interesse de ambos pela fotografia em geral.

Shirasu segue o pessoal da base da SDC (Special Development Command), captura uma cena ou plano de fundo ao redor do aeroporto, acompanha a movimentação e checagem dos sistemas dos HAVWC (High Agility Versatile Weapon Carrier). É enxerida como qualquer jornalista deve ser, mas no seu caso sempre para saber se os companheiros de base estão bem, se os pilotos estão lidando de forma saudável com a sua contagem de mortes e se o alto escalão das nações unidas está fazendo o certo ou se estão acobertando coisas ou empurrando os problemas com a barriga.

Keiichi fica atrelado ao povo Uddiyanan e suas lutas conforme as tensões começaram a aumentar cada vez mais, sua frustração com a sua incapacidade de mudar o que acontece ao seu redor o atormenta até o final da série. Como cinegrafistas, os dois estão sempre tirando fotos, independentemente do contexto, capturando cada momento do dia. Eles nos convidam a nos sentirmos participantes da narrativa, o mais íntimos possível, para que possamos compreender todos os lados do conflito, o ciclo da guerra, as vidas afetadas por ele e, curiosamente, os bolsões das comunidades nômades imaculados. À primeira vista parecem um jardim do Eden bem ao lado do caos, mas seus próprios problemas se revelam devido ao seu isolamento. A paz, como sabemos, não é um estado de perfeição, mas sim um ponto momentâneo na história aguardando ser rasgado agressivamente pela força primitiva do conflito humano.

Vemos um cenário diferente de qualquer outra série de mecha, em que as forças especiais da ONU estão tentando suprimir grupos rebeldes enfraquecidos após sua intervenção, enquanto o grosso dos pacificadores tenta manter a ordem na capital e no resto do país. Normalmente, os cenários de mechas são preenchidos com histórias de guerra épicas com grandes batalhas, massacres, figuras grandiosas, líderes carismáticos, governos opressores e ódio profundo pelo inimigo.

Alternativamente, são histórias de amadurecimento para jovens adultos com discursos grandiosos, designs de mecha simplificados ou exagerados, poder além da força

e tecnologia e ação bombástica. A *Flag* é diferente por estar focado principalmente na perspectiva de fora do combate, insuficientemente interessado no como do conflito, mas nos por quês. Não se preocupa com qual lado vai ganhar ou se haverá um final feliz, mas com qual futuro o conteúdo das fotos e gravações fornecerão para os Uddiyanos, como isso vai abalar o mundo e fazer mudanças reais daqui para frente.

O anime faz uma abordagem lenta, começando após a desaceleração da guerra civil, onde a ONU está divulgando um chamado “roteiro” para garantir as negociações de paz, falando publicamente que a situação está sob seu controle, embora eles próprios admitam que grupos menores não admitem um cessar fogo. Mas as ações insurgentes a forçam a conduzir operações secretas no limite do cronograma para tentar recuperar a bandeira que legitima os esforços da ONU para a comunidade internacional.

É um tipo de anime muito diferente em comparação com suas contrapartes, tem uma complexidade semelhante a determinadas crises globais do mundo moderno. É um comentário sobre como o mundo parece não conseguir resolver esses grandes problemas, não com distribuição de riqueza, mudança de governos, ajuda humanitária, manutenção da paz, nem mesmo usando toda a força das armas. Só a consciência da realidade pode ser uma forma pela qual nós, como comunidade global, possamos avaliar a situação a fim de encontrar a melhor solução possível que não envolva os interesses das grandes nações, mas a estabilidade permanente da região afetada.

Joe Sacco consegue reproduzir um estilo de reportagem séria com responsabilidade e detalhes na mídia de quadrinhos com *Palestina, uma Nação Ocupada* (2000). Ele mostra a desilusão de ambos os lados do conflito de Gaza, cada um demonizando o outro depois de décadas de sofrimento misturado a ideologização e radicalização. Ele capta toda a extensão das guerras entre os judeus e muçulmanos, mostrando tanques de guerra reduzidos a escombros no meio do deserto. Rastros de décadas atrás e ao mesmo tempo lembretes de que novos enxames de máquinas de guerra podem voltar a causarem destruição no Sinai ou nas demais regiões adjacentes à Israel a qualquer momento. Uma passagem que em uma mídia tradicional ficaria só na nossa imaginação toma uma forma muito real enquanto ficamos vidrados em cada ilustração intensa da reportagem. Sacco opina com uma honestidade corajosa em meio a um turbilhão de emoções. Estando apaixonado, tentando fazer os locais falarem o que lhe interessa, uma linha tênue entre a cordialidade e sagacidade. Sua perspectiva de um

ocidental lutando conflituosa com sua empatia para com os palestinos que são um povo tão distante em todos os aspectos.

É chocante conhecer a perspectiva palestina, tão pouco representada no ocidente. Não apenas de forma gráfica, mas que capte com precisão o vazio que os prejudicados sentiram e ainda sentem até hoje:

“Levei minha família para ver minha terra... Onde estavam minha casa e minha escola... Alguma pessoas ficam paralisadas depois que têm uma chance de voltar para ver. Eles destruíram tudo. Não há sinal de que vivemos lá um dia.” (SACCO, 2000, p. 15).

A cultura árabe local é difícil de prever, a pobreza praticamente obriga as crianças nas ruas e adultos nos centros comerciais a tentar arrancar o máximo de dinheiro possível dos estrangeiros. Sacco tem que aguentar ser taxado de alguém alinhado a Israel ou ser obrigado a sair da área o mais rápido possível, intimidado pela possível ameaça física que possa sofrer. Ainda tem que ficar esperto e se deslocar sempre que um conflito entre as forças de segurança israelenses e os palestinos está para eclodir. Os árabes, esperançosos de que Sacco possa divulgar suas histórias, arrastam-no para situações inusitadas em que ele se vê cercado por multidões de pessoas feridas ou maltratadas, prontas para prestar sua indignação diante do estrangeiro de aparência asiática:

“O garoto que levou cinco balas leva-me pelo braço, praticamente me carrega! Sem formalidades! Vamos para o andar de cima! Passamos por médicos e enfermeiras! Dentro de uma ala! Os familiares abrem passagem! Uma importante personalidade japonesa chegou!” (SACCO, 2000, p. 31)

O jornalista abre uma porta para o leitor mergulhar a fundo na questão palestina com ambiguidade moral, mostrando as barbaridades que os palestinos passaram e tem que passar enquanto os judeus vivem em uma bolha paranoica sem fim. É um trabalho que tem a mesma finalidade do anime ficcional *Flag*: abrir um debate sobre crises aparentemente impossíveis de se solucionar e tentar encontrar uma luz no meio dessa escuridão, nem que se leve mil anos. Obras como estas certamente influenciarão as próximas gerações a encontrar melhores soluções, ou ao menos conseguirem simpatizar com o outro lado, desmitificar a figura demoníaca que permeia nos grupos extremistas de grande voz.

A guerra em *Flag* é metódica, parada, de vez em quando barulhenta, dependendo do ponto de vista. Para os pilotos dos HAVWC's, enclausurados nas camadas de blindagem, o ato de ceifar uma vida é reduzido a apertar um botão e ver um ser humano desaparecer em meio à fumaça gerada pelo contato de suas armas com o solo. Como se o

operador jogasse videogame, o corpo da vítima é censurado pelo ambiente, o áudio de sua morte não é importante, a visão de sua câmera é estática e desinteressante. Nenhum estímulo de adrenalina é transmitido para o piloto e o espectador sente o mesmo. Ainda assim os pilotos Ichiyangi Shin e Chris Eversalt transmitem na tela pela perspectiva de Shirasu a sua angústia. Ingênua, a repórter busca perguntar sobre como estão se sentindo de forma casual, assim como nós somos levados a crer que os pilotos sentem ao dispararem o gatilho, mas Shin corta sua fala e o anime toma uma decisão muito madura de não deixar Shirasu e o espectador descobrirem. O mistério se torna uma poderosa reflexão quando o espectador acaba a série e se alia com a revolta, a desolação que toma conta de Keiichi e de nós: um final sóbrio, lento, silencioso, metódico, envelopando a temática e os sentimentos provocados em toda a série.

A apatia demonstrada pelos pilotos ao atingirem alvos humanos no campo é mantida durante um combate entre forças equivalentes. Em determinado momento uma força desconhecida invade o espaço aéreo da SDC, obrigando-os a responder enviando seus HAVWC's. Quando interceptam o inimigo percebem que eles trouxeram seus próprios HAVWC's consigo. Mesmo sob fogo pesado, mesmo sendo atingidos os pilotos permanecem calmos. O estresse daquele tipo de combate junto dos seus corpos ficarem confinados e eles, como soldados, precisarem se manter focados na missão podem ser os fatores que contribuíram para esta apatia demonstrada antes e depois do envio à linha de frente.

Contrastando até mesmo com Keiichi nesse quesito, Shirasu está quase sempre calma, de bem com a vida, empolgada em trabalhar, principalmente se for levada junto para a linha de frente de helicóptero. Ela fica triste em não poder ajudar os pilotos e não ter influência para se intrometer nas decisões da ONU, mas nenhum desses problemas é um impeditivo para que ela possa fazer o que ama e fazer bem. Essa assertividade para com a profissão é algo mais incomum para os protagonistas do gênero. Mesmo que a maioria deles acabam querendo ou gostando de pilotar, a maioria começa sempre negando este fardo, ou simplesmente não sendo bom o suficiente, como é o caso de Simon de *Tengen Toppa Gurren Lagann*.

Porém, há um exemplo de uma personagem com uma atitude muito parecida com a de Shirasu, Izumi Noa de *Kidou Keisatsu Patlabor (1988)*. Noa é um membro brincalhona, cheia de energia e muito simpática da Divisão de Veículos Especiais 2. Ela dá nome ao seu "Labor", o nome dos robôs da série, e mesmo exercendo a

responsabilidade como policial de forma correta, prefere se divertir com os colegas do que se preocupar com a parte realmente séria do trabalho. Esse fardo cai principalmente nas costas do seu chefe de unidade, Goto Kiichi.

Lelouch Lamperouge de *Code Geass: Hangyaku no Lelouch* (2006), por exemplo, quando analisado de perto parece uma figura sobrehumana. É o príncipe herdeiro do maior império que o mundo já viu, é um estrategista nato, é super carismático, ator de primeira qualidade, bem-apessoado, recebe um poder além da imaginação e ainda é um piloto competente, embora não chegue nem perto do talento dos outros personagens nesse quesito. Lelouch desencadeia a revolta dos Elevens (Japoneses) basicamente sozinho, criando um culto à personalidade do seu alter ego “Zero” e, com ajuda do seu poder de comandar qualquer pessoa, chega muito perto de atingir seu objetivo na primeira tentativa. Note como o poder e influência do personagem é descomunal: suas únicas fraquezas acabam sendo a sua verdadeira identidade e sua irmã. De outro modo, Lelouch seria imparável, perseguiria seu objetivo implacável, pouco se importando com as baixas desde que conseguisse atingir seu objetivo.

Ikari Shinji de *Shin Seiki Evangelion* (1995) já é bem diferente. Ele é basicamente usado pelo pai para combater os “Anjos” na unidade 001, o mecha que por motivos específicos só ele pode operar sem sofrer retaliações físicas. É só um menino que é jogado em uma luta desesperada da humanidade para se preservar de uma ameaça potente alienígena. No início não tem pretensões de se tornar piloto por boa razão — não é um soldado —, não está familiarizado com uma vida de rigores extremos em doses semanais. E quando finalmente começa a tomar jeito com a nova “profissão”, seu psicológico é abalado permanentemente pelo choque de lidar com morte e responsabilidade com tão pouca idade, sem ter a menor vocação para o serviço. O abismo que Shinji despenca é um exemplo executado de forma magistral de como qualquer um de nós poderia acabar se fosse posto a viver o mesmo inferno que ele.

Daryl Lorenz de *Kidou Senshi Gundam Thunderbolt* (2015) se submete a cirurgias para retirar seus próprios membros, tudo para que consiga ser mais eficiente na operação do seu Robô. Sua obsessão em conseguir competir contra e derrotar o seu nêmesis da federação da Terra, Io Fleming o faz condenar seu corpo em um sacrifício que faz muitos protagonistas se considerarem sortudos pelas suas circunstâncias. *Gundam Thunderbolt* questiona um futuro no qual a tecnologia, embora muito avançada, não está em um patamar que preserve pessoas como Daryl.

Também nos faz pensar no que governos desesperados podem incentivar pessoas a se sacrificar por um suposto bem maior. Um governo ameaçado não liga para seus cidadãos, não liga para os cidadãos do inimigo, só lhe resta um instinto bem humano de autopreservação, e podemos ver exemplos desse tipo na vida real hoje na política internacional.

O pedaço de narrativa que apresento a seguir, um trecho de *Sombra Sobre Goliath*, possui diferenças significativas com *Flag*. A maior inspiração que retirei da narrativa foi a minha tentativa de proporcionar uma experiência com os mechas mais realística, com consequências físicas e mentais, como acontece em *Flag* em certo grau.

Neste ensaio, falei sobre personagem e jornalismo, porém retive muitas das influências de animes mencionados. Em tão poucas páginas é muito difícil atingir uma profundidade com os personagens, portanto foquei meus esforços na construção de mundo e na situação da trama, de maneira que o olhar se dirija ao problema a ser resolvido em um microcosmo ficcional.

3 SOMBRA SOBRE GOLIATH

Bel despertou com dor de cabeça na manhã da missão. Precisou de um tempo para que seu corpo dormente respondesse, pois até então nem conseguia movimentar os olhos direito. Permanecer consciente durante decorrências como essa era sufocante, como se todo o seu valor como ser humano fosse posto à prova e rejeitado pelo mundo. Enxergou por entre suas pernas coladas ao rosto sua bengala no chão e só então se tocou que havia dormido em um corredor qualquer da base dos hangares. Antes do soar do alarme, independente da hora do dia os pilotos estariam dormindo e as demais equipes estariam trabalhando vinte e quatro horas na preparação dos Carnívoros. Deduzindo isso, Bel cerrou as pálpebras como se pela última vez e nem pensou em repousar no quarto. Algum tempo depois, um distúrbio o chacoalhou e ele foi acordando aos poucos de novo, se viu carregado pelos ombros de um jovem da sua idade o carregando corredor a dentro. Bel, engolindo em seco a saliva acumulada, resmungou em meio à tosse:

— Urien, que horas são?

— É cedo ainda, eu me acordei e não vi você no dormitório. Jurava que ia ficar a noite toda sem dormir, ainda bem que não aguentou. — Respondeu o colega de quarto. Bel captou um vislumbre do amigo por entre pesadas piscadelas até que seus olhos pregaram de vez pela exaustão da noite do dia anterior.

— Só quero entender o que está acontecendo comigo, os exames não apontam nada, não importa quantas vezes eu os refaça. — Balbuciou Bel aparentando estar grogue.

— Sabe, deve ser um caso de nervosismo crônico, mas pense que nosso primeiro contato com os exoesqueletos já passou, daqui pra frente é só questão de costume! Lembra da nossa posição única! Nós podemos sair das cidades e ver o mundo. Claro, não vai ser um mundo legal de se ver, mas veja pelo lado bom, na maioria do tempo é um mundo quieto, pacífico e lindo. Podemos fingir que somos livres, Bel.

— Eu entendo o seu ponto de vista, mas o isolamento não te deixa maluco?

— Não, pensando bem acho que devo ser uma exceção, eu me sinto tão calmo olhando e navegando por tudo aquilo, parece que estou em casa.

— E quanto aos nossos vigias lá de cima?

— Eles são a única coisa que me tiram do meu transe, em especial quando a minha unidade fica paranoica com alguma suspeita de atividade deles, mas quando eu vi a cidade... Eu sei lá, só me encantei.

— Encantou? Quer dizer que é bonita?

— Bom, quase não deu pra ver nada, fica lá na nossa exosfera né, muito muuuuito longe! Mas acredite em mim quando eu digo que por trás daquelas nuvens eu vi algo diferente... — Urien se calou e ficou fitando o nada, reflexivo.

— Um dia nós vamos subir juntos lá e dar o troco que eles merecem. — Bel foi aos poucos perdendo a consciência.

— Vamos recuperar a santa Thalia, nem que a procuremos só nós dois.

— Vamos sim... — Bel adormeceu na hora em que chegaram no dormitório. Urien entrou, deitou Bel na sua cama e se fixou nos pequenos raios de luz que invadiam as persianas. — Já está quase na hora.

A última soneca foi profunda, diferente do sono ruim da madrugada anterior, portanto Bel conseguiu se levantar um pouco mais enérgico ao ouvir o alarme acionando sua presença. Urien já tinha saído ao acordar, mas não ficou triste pois considerou a conversa a pouco como uma despedida. Vestiu sua roupa de piloto, fez uma rápida reza pelo bem dos seus colegas para seu Deus ao intermédio das sacerdotisas perdidas e agarrou uma maçã da mesa do quarto na mão. Deixou a bengala no dormitório para esconder dos colegas qualquer tipo de fraqueza que pudesse impedir a sua participação e atrasar sua unidade.

Apressou-se pelos corredores tumultuados até o hangar, possivelmente pelos lançamentos do dia o refeitório acabou atrasando e os engenheiros e equipe de solo lotavam o caminho. Por meio de leves empurrões e "com licenças", Bel circulou os trabalhadores chegando ao seu destino com um minuto de atraso. Os hangares eram umas das áreas mais abertas de todos os níveis das cidades subterrâneas, embora o motivo era puramente militar. O planejamento de suas plantas nunca levou em consideração um ambiente agradável de se viver e sim para espaço de manobrem, à moda dos antigos aeroportos. Eram cheios de cantos escuros, a umidade propagava poças nos corredores e o ar era constantemente abafado em todas as salas. A imensidão da área de lançamento acima era preenchida por fiações gigantescas que alimentavam as instalações como grandes artérias sedimentadas em veias menores espalhadas por toda a estação. Transportavam energia das usinas termoelétricas e água das plantas de dessalinização

construídas nos primeiros níveis do colossal complexo. Como o espaço das cidades subterrâneas eram limitados e quanto mais fundo mais difícil era realizar manutenções do suporte de vida e de energia, todo o sistema de alimentação a partir de certo nível de profundidade era exposto, muito por conta do eventual relaxamento das construções realizadas às pressas no fim da guerra. Os engenheiros ao menos agrupavam as grossas fiações para não ficarem soltas. No teto dos hangares onde elas se espalhavam, os trabalhadores adornavam-nas com quatro velas de chamas azuis em intervalos irregulares sempre que faziam serviços, simbolizando as quatro sacerdotisas juntas de pequenas oferendas. Posicionavam dízimos, flores ou itens de significado pessoal por cima de um artefato de madeira com formato de chifre de búfalo, um símbolo do Deus Kaswzth.

Observando de longe, viu a maioria da sua equipe já dentro dos Carnivores realizando os preparativos finais, testes de segurança, checagem de armas, munições, sistemas e comunicações. Correu até o elevador e devorou a maçã durante o curto percurso. No andar dos andaimes saltou o mais rápido que pôde com destino a sua máquina.

— Você está afim de desgraçar a imagem da unidade Bel? Vai, preguiçoso, na puta que te pariu! — Xingou uma voz feminina de dentro do Carnivore artilheiro, pelo menos metade dos engenheiros que participavam das checagens deram uma risada contida.

— Você tá meio vermelho, combatente, me parece ser o primeiro caso de febre de atraso que eu já vi. Eu não quero ver essa condição perdurar daqui pra frente, a não ser que o senhor queira voltar a trabalhar para sua casta clerical. — Disse o capitão parado na frente do Carnivore de Bel.

— Eu sinto muitíssimo, chefe, só tenho noites mal dormidas nos últimos anos, vou compensar no campo. — Bel parou de supetão e prestou continência. Suas olheiras saltadas falavam por si só.

— Só entra logo no aparelho antes que cancelem a missão. E, Michigan, para de xingar um companheiro seu na frente de quem não tem nada a ver com o assunto.

— Sim, senhor.

O capitão Husko assaltou o olhar de Bel com tamanha intransigência que ele se encolheu involuntariamente. Ainda assim não demonstrava demais intenções. O major de quarenta e dois anos, no fim de seu auge físico, desenvolveu as primeiras rugas no queixo liso. Seus olhos caídos à primeira vista geravam antipatia e desconfiança, mas estavam

longe de serem uma representação física do seu caráter. O treino obrigatório na academia nunca lhe gerou grandes resultados, mas sempre o manteve na forma necessária para aguentar o estresse da pilotagem, o que Bel desconfiava ser o suficiente para ele. Deixava uma curta franja naturalmente voltada para a direita até onde era permitido e sempre mantinha àquela altura com afinco. Poderia ter transparecido tanta negatividade, no entanto manteve sua postura reta, sua aura serena e nada mais. Se Husko passou tanto tempo como piloto, sofrendo com suas consequências sem descansar e manteve-se inabalável, então qual era sua desculpa como subordinado? Alguém bem mais jovem e saudável que iniciou o programa de pilotagem transbordando entusiasmo, após um pequeno ciclo doloroso de duas missões se deparava com uma parede moral mais aterrorizante do que qualquer Carnivore vindo do céu.

Bel assentiu, estremecendo com a própria falha e se agarrou na escada que dava a entrada da esfera do piloto, um engenheiro auxiliar ajudou-o a entrar na esfera aberta e entrou junto com um notebook. Enquanto Bel se preparava para entrar na câmara interior, o colega de trabalho conectou-se ao computador do robô pela rede. Sob controle total da máquina o engenheiro acionou cada escotilha dos compartimentos internos várias vezes, de fora era possível ver as rodas internas rodopiando, os encaixes abrindo e fechando, os motores rugindo e os exaustores lançando fogo e fumaça. Depois calibrou os sistemas hidráulicos, de suspensão e verificou a condição das articulações dos braços e pernas. O aparelho começou a se mexer sozinho, se agachou e levantou, mexeu os dedos robóticos em sincronia, por fim girou os pulsos, cotovelos e joelhos em sentido horário e anti-horário. Quando Bel entrou na câmara interior e obteve o controle o engenheiro continuou suas tarefas, se comunicando com ele por rádio. Reiniciou o sistema de controle de tiro e aplicou atualizações cruciais de software para aquela função. Para finalizar o trabalho checkou a interface procurando discrepâncias nas informações apresentadas ao piloto como quantidade de munições, radiação no ambiente, destacamento de amigos e inimigos, numeração da distância de objetos, azimute, bússola e demais sistemas de navegação. Saiu de dentro da esfera, fez algumas verificações visuais rápidas com Bel e selou a esfera. Do escuro absoluto surgiu de repente a interface do computador de bordo e logo em seguida as câmeras e demais sistemas ficaram online. Assim que os engenheiros e Bel realizaram as verificações, todos os Carnivores foram liberados dos andaimes e ficaram a postos nas catapultas de lançamento no paredão do hangar, bem abaixo de onde estava pintado o número nove e o antigo símbolo de sua nação. A numeração estava bem

conservada, com esforços constantes para manter a pintura no padrão, diferente da antiga bandeira que era consumida pelo tempo, manchada e abandonada para ser esquecida.

— Muito bem, time, última checagem. Estão comigo?

— Hollow 2 na escuta, sim, senhor. — Disse Galtavan.

— Hollow 3, Sempre. — Falou Michigan.

— Hollow 4, eu peço desculpas pra todo mundo, a reabilitação está sendo mais difícil do que eu esperava.

— Hollow 5, o dano foi feito e teremos que arcar com as consequências, faz parte. Mas já estamos o quê? Sete minutos atrasados? — Perguntou Moriô.

— Hollow 1, tirem isso da cabeça, eu resolvo com o alto comando, foquem na missão. Todos os indicativos de chamada, preparar para o lançamento. — O braço direito do robô de Husko levantou e imitando a fisionomia humana fez um gesto de ok para os engenheiros que liberaram a área de pessoal. Em seguida as catapultas encaixaram e prenderam-se aos aparelhos, os pilotos respiraram fundo para sua primeira carga de força G.

— Esquadrão Hollow, aqui é a ponte de comando, vocês têm permissão para partir. Lançamento em cinco, quatro, três, dois, um, decolagem! Que Kaswzth os protejam do céu.

Bel chacoalhou descontrolado sob a força de um balanço terrível, os corpos na esfera do piloto em modo de combate eram isolados em um compartimento separado do cockpit no qual eram imersos em um líquido composto por vitaminas, estimulantes, analgésicos e oxigênio que a partir do pulmão inundado, eram absorvidas constantemente pelo corpo. O líquido gelatinoso da câmara interna constituía o espaço no qual era feita a simulação da movimentação, peso e localização do aparelho no intuito dos pilotos serem capazes de se operar de forma natural, assim como qualquer golpe desferido no robô ser transferido de forma relativamente segura, com o corpo tendo espaço para cair, se levantar, correr e pular. Se fosse jogado contra uma parede o líquido aliviaria qualquer batida. A captação dos movimentos era transmitida por um exoesqueleto de fibras de Naphen, um metal extremamente maleável e resistente colado na pele para a simulação mais próxima possível da física humana. Era pelo o exoesqueleto que o piloto poderia ser arremessado de cabeça para baixo como se por travessura de um fantasma, sentir exatamente onde foi atingido, o tamanho do dano, se ocorreram perfurações ou mesmo se parte da blindagem foi inutilizada. Os pilotos sentiam a atuação da gravidade no

aparelho sob seu corpo, era como se a todo momento estivessem carregando nos braços, pernas, costas e cabeça pesos extras.

A unidade Hollow foi impulsionada a centenas de quilômetros por hora, passando do subsolo até o nível do mar em dois minutos. A saída do hangar dava perto da praia nos limites da cidade térrea, uma gigantesca escotilha abriu-se na areia funda e outras duas se fecharam logo abaixo de seus pés antes que grande quantidade de água do mar invadisse o subsolo. Nesse momento as catapultas finalizavam o percurso de forma abrupta, causando outro baque fortíssimo nos pilotos. Se não fosse pelo isolamento especial, as pílulas e fisioterapia constantes nenhum homem conseguiria suportar o esforço prolongado de comandar a máquina, este conjunto de sacrifícios desempenhados pelos pilotos eram apelidados por toda a comunidade militar de Goliath como o fardo dos Carnívoros. O esquadrão se despreendeu das catapultas e foi carregado até o nível das ondas. De pé daquela profundidade os robôs ficaram na altura do equivalente ao pescoço, alcançando a praia a passos largos após poucos minutos de observação do espaço aéreo.

Cada esquadrão era composto de uma variedade de modelos de Carnívoros específicos para um tipo de missão. Em geral navegavam com ajuda de grandes rodas nos pés para uso em modo furtivo no qual a cabeça se retraía para dentro, as pernas ficavam na altura do peitoral os braços descendiam por cima das pernas e permaneciam imóveis, o mais próximo que poderiam chegar de uma transformação em um tanque convencional. As armas ficavam empunhadas, mas suas funções eram muito mais limitadas, seus controles de tiro muito instáveis e seus recarregamentos demorados por serem em modo automático. Não era bonito de se olhar, mas era funcional.

Na composição do esquadrão Hollow, o Carnívoro de Bel pertencia a categoria Fuzileiro. Equipado com um fuzil adaptável, com elevado nível de customização e capaz de disparar diversos calibres. Como a área da cabeça era um alvo sensível em particular, eram instalados em todos os modelos uma camada extra de blindagem que os pilotos apelidavam de elmos. Eram removíveis e suas configurações mais flexíveis dependendo da preferência do usuário. A viseira blindada dividida em quatro camadas na diagonal para baixo de seu elmo se retraía para uma melhor visualização dos alvos através das câmeras de alta definição, sem ficar limitado a obstrução padrão da maioria das demais categorias. Nas costas era retido um caixote de munições tão grande quanto o próprio robô com painéis solares e um cordão de alimentação ligado à arma para recarregamento rápido dos diferentes calibres. O corpo robótico era o mais próximo de um humano que

era possível de se construir, por dentro as camadas mais frágeis eram revestidas por uma blindagem óssea e dentro dela os mecanismos responsáveis pelas articulações do corpo sincronizados com o movimento das fibras de metal atreladas ao corpo humano. Também eram conectados aos impulsos cerebrais do piloto, servindo como confirmação da ordem para a minimização de bugs. Para proteger a estrutura óssea e demais componentes internos a camada externa era composta de uma espessa blindagem com design pontudo no peitoral e nas juntas, por cima desta proteção ainda possuía camadas de blindagens reativas explosivas e um sistema Trophy de proteção ativa. Como última medida defensiva carregava pequenas lâminas serrilhadas em compartimentos na frente e atrás da cintura e no lado oposto das canelas. A sua cor como a dos demais dependia do terreno na maior parte do tempo graças ao material furtivo revestido no Carnivore, mas à preferência de Bel sua cor padrão era vermelho carmesim. Em seu ombro direito, pintado pelo mesmo compósito utilizado no número de série havia um símbolo estranho de uma nação desconhecida. Para a maioria dos Goliathanos aquilo nada significava senão um sinal de nostalgia por um conceito em extinção. Era a máquina de combate padrão do esquadrão.

O restante dos Carnivores compartilhava características similares quanto a blindagem e componentes, mas diferiam pelas categorias e toques individuais de cada piloto. Todas as características estéticas eram feitas a partir de peças sobressalentes como uma forma da equipe de campo interagir com os pilotos depois do período de reabilitação, já que eles não eram liberados para saírem dos hangares a não ser em ocasiões especiais, então o alto comando encorajava atitudes assim.

O capitão Husko pilotava o Carnivore de posto avançado de controle e comando. Era uma espécie mais leve, sem as proteções reativas nem o peso de munições nas costas, invés disso levava consigo sensores avançados para detecção preventiva de alvos como complemento ao batedor, antenas para comunicações a longas distâncias e equipamentos de método sísmico para encontrar Vehrmin, o combustível utilizado para alimentar as máquinas e assim encontrar novas rotas de reabastecimento durante as viagens. O vehrmin também tinha propriedades para consumo humano, se tornando um bem exótico na sociedade Goliathana, muito procurado no mercado negro. O diferencial real perante todos os outros modelos era o uso de tecnologia do Povo das Nuvens graças à engenharia reversa de componentes que resistiram em pedaços danificados de alguns dos robôs atingidos na guerra de dez anos atrás. Era um sistema inteligente de pequenos enxames

de uma espécie de drones que funcionavam como uma camada de proteção muito maior que a do Trophy e muito mais eficiente já que voavam em conjunto na frente ou ao redor do Carnivore, engajando na detecção de minas, emboscadas e em combate direto, tendo capacidade de redirecionar projéteis, ricocheteando-os em sequência se a origem dos disparos for homogênea. Seu design era o mais equilibrado em termos de fisionomia humana e o esboço de um tanque, sendo um dos menores modelos disponíveis. Seu elmo foi moldado para imitar um grande elmo medieval, com uma única viseira limitando bastante a visão padrão e com pequenos furos estéticos na parte inferior para uma reprodução mais fiel da inspiração.

Michigan controlava o Carnivore artilheiro, apelidado com carinho de Ogro pelo seu aspecto quadrado e pesado. Era de longe o Carnivore mais parecido com um carro de combate tradicional. Carregava consigo um obuseiro de cento e vinte milímetros guiado a laser e duas defesas de ponto em miniatura guiadas por radar como última defesa antiaérea do esquadrão. Para completar o seu sistema de armas carrega em compartimentos acima dos ombros mísseis antitanque e antiaéreos miniaturizados em dezesseis células dentro dos compartimentos. Mantinha em um compartimento similar ao das lâminas serrilhadas uma pequena submetralhadora para defesa pessoal. O toque estético feito por Michigan vinha na forma do elmo, protegendo os sensores da cabeça com uma camada de blindagem completa que lembra uma grande venda, algo que atrapalharia nas câmeras se não fosse pelo fato de naquele modelo em específico o seu posicionamento era mais elevado para o operador ter foco nos céus. A visão do terreno era proporcionada somente pelos sensores.

O robô de Galvatan era o menor e mais antigo empregado pelo esquadrão. O veterano preservou o modelo de exploração durante aqueles dez anos desde o fim da guerra, obrigando-o a passar por obras de modernização para acompanhar os novos modelos pós-guerra, obras essas não tão caras quanto a aquisição de um novo modelo. Suas rodas eram mais robustas, somando isso ao seu conjunto de equipamentos reduzidos resultava em um aparelho com velocidade de manobra sem igual. Trazia consigo scanners e radares de antecipação como os do capitão. Diferia em ser o responsável por um excruciante serviço: Armava-se de lançadores de removedores de minas, conjuntos de cabos com explosivos lançados no terreno que detonam na área suspeita para ativar as minas enterradas. Após a detonação empregava uma escavadeira para limpar a rota e garantir a segurança do trajeto. Também trazia drones com sensores de movimento de

forma parecida com a tecnologia roubada do Povo das Nuvens como uma demonstração do emprego de táticas novas, embora bem menos ágeis e sem funções defensivas. A aparência de seu Carnivore era de fábrica, com um elmo similar ao de Bel, mas sem viseiras retraíveis. Sua arma principal era uma escopeta de com munição explosiva.

O piloto mais jovem, Moriô, era o encarregado da missão mais importante do grupo com o seu Carnivore navegador. Carregava nas costas a maioria dos suprimentos, baterias, comida, água, peças de reposição, antigos mapas topográficos em mídia física, tanques de Vehrmin, munições extras e quaisquer itens especiais que pudesse carregar se a missão necessitasse. De compartimentos nos dois braços levava uma pequena ponte extensível em duas partes, equipamentos de escalada e nas pernas peças de um abrigo improvisado com características furtivas, camuflagem e termorregulação apelidada de guarda—sol. Como defesa empunhava um revólver de alto calibre, já que carecia de espaço de carga para uma arma mais longa. O desenho de seu modelo vai mais para o lado do Carnivore artilheiro, com a blindagem mais espessa, assim como o maior em altura de todos os modelos. Sua única escolha estética foi instalar no seu elmo duas antenas grossas perto da nuca em um ângulo de quarenta e cinco graus.

— Relatório de status, por favor.

— Hollow 3, estou ótima. — Disse Michigan enquanto dava pulinhos lentos, a poeira da areia molhada começou a cercar o seu redor.

— Hollow 5, senti um pouco do estresse da subida, mas em um minuto estarei bem. — Suspirou Moriô agachado numa tentativa inútil à primeira vista de massagear os calcanhares.

— Hollow 4, eu preciso de um tempo. Ah, que pancada! — Bel retraiu a coronha do rifle, o fixou na cintura e abraçou os ombros, colocando pressão nos dedos na tentativa de aliviar a dor. Era como se tivesse sido prensado contra a porta mais próxima de um carro durante um acidente. Imaginou que havia deslocado toda a parte superior do corpo que latejava em ritmo cardíaco.

Se contorceu em exercícios de relaxamento, seu aparelho o espelhou, ainda que muito desajeitado comparado com o equivalente orgânico.

— Hollow 2, tudo tranquilo por aqui. — Relatou Galvatan acionando e retraindo os compartimentos que abrigavam seus equipamentos, verificou a câmara da arma e ficou a postos.

— Muito bem, o intervalo acabou, iniciem a postura furtiva. — Ordenou o capitão ao mesmo tempo que acelerava suas rodas e aquecia as turbinas de escape do motor pouco acima da cintura. Sua função principal era acelerar o robô em modo furtivo, mas também era essencial em modo de combate para impulsos e desvios súbitos. Os robôs realizaram a transição para o modo furtivo, deitaram de barriga para baixo e acoplaram os braços e pernas junto ao corpo, ao passo que liberaram as rodas guardadas nos antebraços e abaixo dos joelhos, ajustando-se no formato ideal para que o material compósito pudesse fazer mais efeito em enganar radares inimigos. Acionaram os computadores para ações de guerra eletrônica e, por conseguinte a camuflagem ativa. A olho nu ainda era possível observar os traços de poeira deixados pelo seu deslocamento, mas a unidade contava com a extensa área do planeta e suas medidas preventivas. Aquela doutrina resultava num consistente histórico de passagens despercebidas pelos olhos dos céus.

Enfim Bel pôde retirar o exoesqueleto. Os primeiros minutos em contato com aquela geringonça demoníaca eram os piores de longe. Só de incorporá-lo ao corpo o afligia. Voltou ao cockpit tremendo, não por estar encharcado, mas pela antecipação de a qualquer momento ter de voltar para lá de novo. Só de estar no cubículo seus músculos relaxavam, a pulsação estabilizava, a tempestade perturbando a mente cessava, considerava-a sua primeira moradia. Brincava de imaginar que o comunicador eram os vizinhos reclamando de barulho na madrugada, o espaço claustrofóbico uma consequência da sua condição econômica de início de carreira, o assento seu escritório e sua cama o mais belo fruto de seu trabalho. Alcançou o cubículo do chuveiro, tomou uma ducha rápida, cuspiendo restos do líquido ainda entalhado na garganta direto no pequeno ralo. Puxou a toalha pendurada ao lado, secando-se até que se sentisse confortável em acomodar-se no assento.

— Todos os indicativos de chamada, tracem o curso de Posmodel para cinquenta graus norte, viajemos em formação de cunha. — Acatando a ordem, Bel acionou o piloto automático, inserindo as coordenadas mencionadas.

— Que desvio enorme capitão, penso ser um trajeto muito pesado pra eles. — Indagou Galvatan.

— É essa a mais nova área com suspeita de reservas de Vehrmin na rota, não há mais o que dizer.

— Bel, Michigan e Moriô, essa vai ser mais uma espécie de seleção para vocês. Mas eu garanto, se superarem essa viagem podem se considerarem pilotos fixos da divisão mecanizada.

— Sem comentários... — Disse Michigan.

— Você leu a minha mente. — Falou Moriô.

— Se estivéssemos em modo de combate eu te cumprimentava com um “toca aqui”! — Disse Michigan rindo.

— Eu entendo, vou me esforçar. — Disse Bel.

— Você deve estar adorando ouvir isso não é, Bel? Quanto mais tempo no piloto automático mais horas você tem pra ficar vagabundeando! — Acusou Michigan.

— Se você acha...

— Se eu acho? Voc...

— Tá bom, chega de tumulto, se querem ficar discutindo como crianças o dia todo façam numa frequência privada. — Disse Husko. — A partir de agora só permito que falem aqui se precisarem reportar algo de extrema importância, rezemos para chegarmos no destino saudáveis e são do isolamento.

— Eu nunca me rebaixaria tanto ao ponto de considerar a sugestão, só para deixar claro. — Concluiu Michigan.

— Ninguém se importa, fim da transmissão. — Agora que o capitão declarou sua intenção por esse meio tempo, Bel tinha que se contentar em engolir em seco os ataques da companheira. Era aqui que começava a tormenta de muitos pilotos, algumas rotas demoravam meses para serem concluídas. Meses inteiros enfiados dentro de cubículos, depois de pouco tempo de comunicação a maioria dos pilotos veteranos reportava silêncios mortais durante o restante dos percursos. Depois de determinado tempo na monotonia das viagens, pouca atividade física, observando as mesmas paisagens por semanas, poucos ainda tinham a energia ou assunto para manter a comunicação. Por conta disso era procedimento padrão limitar as interações para emergências ou ocasiões especiais. O único entretenimento que os novos modelos de Carnívoros proporcionavam era uma biblioteca de paisagens de todos os biomas do planeta no sistema de holograma em trezentos e sessenta graus dentro do cockpit. Era possível baixar cenários pré-guerra, cidades, lagos, formações rochosas, monumentos, até mesmo interiores. Os pilotos se imergiam naquele sistema, ou ficavam sozinhos com seus pensamentos, ou

enlouqueciam. Bel se encaixava no grupo daqueles que ficava à beira do colapso, independente do entretenimento que escolhia engajar a cada dia.

Encarando o mundo da superfície mais uma vez, deu uma olhada na cidade na esquerda, quase fora de vista. Seu nome já havia perdido a relevância a muito tempo, era considerada somente um mecanismo de defesa, uma distração. Seus habitantes eram indivíduos mórbidos, párias da sociedade. Aqueles sentenciados a prisão perpétua, desertores, indesejáveis, traidores e opositores políticos que cooperavam tinham a escolha de viver com suas famílias uma vida de subsistência sob monitoração constante dos agentes penitenciários estacionados na primeira camada das cidades subterrâneas. Recebiam pulseiras que marcavam suas posições e ocultavam um agente químico potente. Se tentassem fugir ou se comunicar com alguma patrulha do Povo das Nuvens recebiam um sumário julgamento final. Não havia quase nenhuma tecnologia na superfície, só o mais básico, tudo para manter uma aura de era das trevas aparente no planeta inteiro. Até então a estratégia havia funcionado. De tempos em tempos algumas cidades e vilarejos reportavam avistamentos de robôs do Povo das Nuvens planando ao longe, mas quase nunca chegavam perto, ao que tudo indicava não tinham motivos para tal. Bel tinha grande curiosidade sobre aquela gente, comunidades inteiras desligadas do seu ambiente vivendo de forma totalmente diferente. A visão daquele conjunto de pequenas casas e prédios castigados pelo sol eram como um templo perdido a ser explorado. Para sua tristeza o horizonte foi logo se transformando à medida que avançava a seu destino e a cidade sem nome desapareceu. Fez uma prece dedicada a Thalia, agradecendo por suas conquistas até então e pedindo perdão por seus erros cometidos, em especial por ainda estar desprovido de ideias para resgatá-la lá de cima. Implorou por uma viagem rápida e considerou visitar a superfície no futuro como um afazer na aposentadoria, por mais perigoso que fosse.

— Dos pés à cabeça, corpo e mente são dedicados a servir a meu senhor Kasvzth. Por intermédio de da alta serva Thalia VII, eis a minha verdade exposta ao julgamento do todo poderoso. Se este servo cometes qualquer censura consciente durante essa confissão da verdade de sua alma que seja amaldiçoado para todo sempre. — Declarou Bel fazendo um sinal contra o mal elevando a mão direita acima da cabeça reta na vertical, desceu até o meio do peito e lançou-a na horizontal na mesma altura que mantinha no centro do seu corpo.

Passaram-se semanas, e a unidade Hollow reportou nada de interesse. Viajavam a uma dezena de quilômetros uns dos outros, com exceção de Galvatan que despontava na vanguarda a mais de trinta quilômetros na frente. Não conseguiam ver uns aos outros a olho nu, nem os radares captavam suas presenças, tudo que tinham eram seus comunicadores. O deserto de Hori era das desolações que tomaram conta do planeta após um período de contato com a radiação dos bombardeios. O que antes eram ravinas, grandes lagos, cidades deslumbrantes, florestas densas atoladas de vida se reduziram a pó. Na atual data planetária, agora compartilhada por todos os povos do planeta, somente alguns pontos foram intocados pela destruição do Povo das Nuvens. Tais pontos se tornaram sagrados para os poucos que se atreviam a escapar das cidades subterrâneas e peregrinar, assim como para os pilotos, os únicos com acesso relativo àquelas maravilhas. Mas nenhuma delas estava na rota a ser seguida. À noite, em meio a grandes dunas e formações rochosas, a unidade fez sua primeira parada desde o início da aventura desgastante. Moriô tomou o Guarda Sol e o estendeu pela área. O equipamento funcionava de modo que do céu era como se não houvesse alteração alguma da paisagem local, fenômenos atmosféricos e a reação da areia pelo toque do vento eram simulados com perfeição pelo mecanismo que se estendia em trezentos metros de altura e quatrocentos de largura. A luz da lua cheia banhava o Guarda Sol, possibilitando relativa visibilidade em meio à escuridão. Do peitoral dos aparelhos retraiu-se a blindagem até que as esferas brancas marcadas com numerações únicas foram expostas. No centro havia uma escotilha, a saída para os pilotos que se dividia em partes iguais com escadarias, todos eles trouxeram consigo pesados cobertores, prevendo a baixa temperatura.

— Até que enfim, porra!!! — Gritou Michigan correndo para o centro do acampamento.

— Eu não aguentava mais! — Respondeu Moriô andando na sua direção. Os dois bateram com a palma das mãos quase pulando e riram de orelha a orelha como se tivessem roubado um banco sem ter levantado o alarme.

— Ah, ainda bem... Phf, ainda bem... — Sussurrou Bel prostrado de costas para sua esfera. Esmagou os infinitos grãos de areia com toda força que lhe restava, não conseguia acreditar que sua constituição era tão fraca se era tão saudável quanto os outros. — Será que os exames apontavam valores errados ou eu que sou muito fraco de cabeça mesmo? Pensou.

— Venham cá! — Disse Galvatan alto, o reverbero de sua voz veio junto de uma rajada forte de vento. A temperatura congelante junto da areia indesejável nas vistas e no fundo das roupas deu um choque em todo mundo, mas aquilo não era nada comparado a suportarem a si mesmos por semanas a fio. Os três mais novos se juntaram e foram de encontro ao veterano que abraçou a todos de uma só vez. — Que clima perfeito para nos sentirmos vivos não acham?

— Qualquer coisa menos mais um dia nessas latas apertadas. — Disse Michigan.

— Alguns anos antes e nem poderíamos estar aqui pela radiação, lembrem-se e agradeçam pela sorte que têm! — Lembrou Galvatan.

— Nossa, eu vou deitar aqui mesmo, a minha moral desabou só de pensar nisso. — Balbuciu Bel, colapsando em seguida.

— Tenho que parabenizá-los por terem mantido a ordem de silêncio por tanto tempo. Agora acredito que estão determinados a seguir essa profissão. — Falou Husko caminhando até eles sem pressa.

— Obrigado, senhor. — Agradeceu Moriô.

— Então, chefe, nenhum sinal de patrulhas, nenhum sinal de reservas de Vehrmin, nenhum sinal da unidade Avars. Estamos mesmo no cu do mundo. — Informou Galvatan.

— Já atravessamos pela maior parte do desvio de rota, em pouco tempo conseguiremos contato, fique tranquilo. Mais importante, hora das pílulas. — Todos levaram consigo garrafas lacradas de bebida e duas pílulas para atrasar os efeitos colaterais do contato com o exoesqueleto. A unidade sentou-se numa duna alta e ficaram bebendo juntos. A maioria trouxera cerveja, com exceção de Moriô e do capitão, o primeiro levou um refrigerante e segundo, um galão de água.

— Um brinde à trégua do isolamento. — Disse Husko. Os integrantes brindaram e assentiram.

— Obrigado, senhor, por termos permissão a beber álcool nesse momento de necessidade! — Comemorou Michigan. Com todos pertinho uns dos outros, Bel percebeu o emagrecimento em diferentes níveis em cada um. O mais afetado foi ele mesmo, mas não sabia o quanto prejudicial seria na hora da reabilitação.

— Vou cortar o seu barato, na minha época era proibido. — Disse Galtavan com uma expressão torta, sem saber se sorria ou se fechava a cara.

— A não, que terror! — Grunhou Michigan rangendo os dentes.

— Lembro de umas histórias desse aí envolvendo consumo não autorizado de álcool que fariam vocês duvidarem da integridade do ídolo de vocês. — Sorriu Husko de soslaio e apontando para o velho amigo, todos gargalharam em função do absurdo.

— Antes da guerra era tudo bem diferente mesmo, devo admitir que sinto uma nostalgia de leve agora. — Disse o veterano escondendo um arrotado pela bebida.

— Um dia você tem que nos contar em detalhes como era a vida na época antes da invasão de uma vez por todas, quantas vezes mais temos que te pedir? — Disse Michigan empurrando-o de leve com as mãos.

— Não, vocês têm que entender que nunca mais vamos voltar aos moldes aquela época. Se, eu digo SE conseguirmos atingir nosso objetivo final, vai ser um novo mundo. Não há muito o que se aprender olhando pra trás e encontrando um universo totalmente diferente do estamos vivenciando. É irrelevante, por isso parem com essas perguntas.

— Ah, como você é chato as vezes!

— Deixa ele menina, se coloque no seu lugar que vai entender a razão. — Disse Moriô.

— Tá bom, tá bom, esquece. — Os cinco começaram uma caminhada sem rumo enrolados em cobertores e com roupas de frio por baixo.

— Em noites assim as vezes eu tenho vontade de sair do Guarda Sol e chamar o máximo de atenção possível, só pra provar que aqueles malditos não conseguem mesmo nos atacar à noite. — Disse Michigan pensando alto.

— É o que os relatórios e nossas experiências nos dizem, mas você quer mesmo arriscar? A chance de descobrir nada é alta. — Perguntou o capitão.

— Se eu estivesse sozinha e tivesse meios para revidar, sim.

— Tenho a impressão que você pensaria duas vezes se nós trocássemos isso por saltos de motocross. — Brincou Moriô.

— Que exemplo mais arcaico, cara. — Riu Bel tomando um gole da sua cerveja.

— Mas é mesmo um fato particular de se despertar a curiosidade. Qual é a motivação deles de evitar engajar depois do pôr do sol? — Refletiu Galvatan.

— Por falar nisso, ouvi falar que você viu a metrópole demoníaca deles, é verdade? Ah, não faça essa cara! Nos diga ao menos isso! — Insistiu Michigan. Bel percebeu um tique que o veterano tinha sempre que ficava revoltado, tocou rápido um dedo no nariz e jogou a cabeça de leve para a mesma direção, como se algo tivesse o

acertado. Deve ter batido algum santo no homem já que por algum motivo ele resolveu fazer as vontades de Michigan.

— Eu cheguei a ver as nuvens que a cercavam. Como eu posso dizer... Era como observar um pôr do sol ao meio dia de tão colossal que é o seu tamanho, daquelas nuvens douradas era como se fosse chover ouro. Eu p... Eu penso que vi um pedaço de alguma estrutura alta, só que vocês vão pedir muito da minha memória, eu não sei se isso é verdade ou se em algum momento a minha curiosidade latente criou aquela imagem na minha cabeça.

— Tudo bem, Galvatan, você me deu muita coisa a pensar quando voltarmos pra dentro. Obrigado, mesmo. — Disse Michigan baixinho, sua voz soava com alegria genuína.

— Eu sei que isso vem do nada, mas o que vocês acham sobre os condenados das cidades da superfície? — Perguntou Bel de súbito.

— Aqueles miseráveis? Nós estamos fazendo um favor pra eles deixando-os vivos, eles são só um fruto de um ato de caridade. — Opinou Michigan.

Ilustres olhos de íris rubi explicitavam a cólera contra o antigo amigo, como uma lança farpada. A roupa de piloto, moldada no seu corpo como um maiô de natação, era o único resquício de ordem que ainda se submetia e o contato do cabelo com o líquido da câmara omitia seu desgosto por padrões sociais. Bel se lembrava bem uma das poucas ocasiões em que a encontrou rastejando pelas ruas de Asuria. Junto de o que parecia ser uma gangue ou grupo de indivíduos alternativos, Michigan não demonstrava nenhuma noção de moda, seus curtos cabelos azeviche eram bagunçados e pontiagudos, como se tivesse acabado de acordar, ostentava duas grandes mechas pronunciadas nas laterais da testa, uma maior que a outra sem qualquer indício de razão. Usava uma blusa maior que suas medidas, deixando as alças nos ombros soltas e carregava duas garrafas de cerveja consigo enquanto arrotava e gritava junto com os amigos na travessa de uma ponte esfumaçada por exaustores do esgoto. Sua natureza rasgava sua fisionomia nobre, seu andar de raposa e atitude antagonista do comportamento aceitável bradava rebelião.

— Por quê a pergunta, soldado? Pensa em fazer turismo ou arqueologia por aquelas bandas? — A pergunta de Husko compeliu Michigan a deixar um riso de escárnio escapar.

— Não, é sério, imagina só, eles podem sentir o ar livre todos os dias, vivem a vida à moda antiga, não tem preocupações de carreira ou status. Foram perdoados de seus

crimes passados, podem morrer de velhice sem perseguição, sem julgo dos seus semelhantes. Não é um tipo de paraíso se pensarmos assim?

— Tudo é bom dependendo de como pensamos. Podemos encontrar a felicidade no sofrimento e etc. — Disse Moriô encolhido no seu cobertor de frio.

— Para sabermos se é bom ou ruim de verdade precisávamos viver um tempo por lá, se acostumar com o estilo de vida e sofrer o que eles sofrem. — Acrescentou Galvatan.

— Eu não veria problemas em tentar.

— Vejam só esse palhaço falando! O último período de isolamento em Asuria deu cabo do pouco juízo que tinha? Por favor continue falando, é hilário demais de ouvir!

— Quieta, artilheira, estamos celebrando!

— A-ah, sim, senhor, sinto muito, senhor! — Soluçou ela.

— Você vai aumentar essa tolerância ao álcool menina, ou uma hora vai ser presa por insubordinação! — Riu Moriô.

— Não fale assim de mim, quer me deixar triste na nossa "hora do almoço"?

— Desculpa.

— Bom, Bel, eu diria que se tivesse comida quente, uma cama aconchegante, pouco barulho e paz eu poderia viver lá tranquilo. Mas nunca me sentiria em paz sabendo que sou presa fácil para os hereges. um minuto pode estar tudo bem, e no outro podem jogar uma bomba na minha cabeça. Sinto que teria noites piores tendo ciência disso do que passando mal durante o isolamento, eu já estou acostumado com ele então...

— Hmm, bom ponto, Galvatan. Ainda assim eu sonho com uma vida de liberdade plena sob o sol, se recuperarmos Thalia um dia eu faria tudo para encontrarmos um cantinho para ela aproveitar seus últimos anos em paz, assim ela nunca precisaria morar um dia no subterrâneo.

— Imagine alguém casado e alguém solteiro. Me digam quem seria o mais a pessoa mais livre? — Indagou Husko.

— O solteiro. — Disseram todos quase em uníssono.

— Nossa religião condena quem não adere a uma união civil, eu apostaria no casado. — Disse Moriô.

— Interessante. Vocês acham que o modo de vida do solteiro que vive no nosso meio não seria ameaçado a cada dia que passe?

— Mas e se, em termos hipotéticos, o solteiro vivesse fora da sociedade, ou criasse uma nova em um lugar isolado? — Perguntou Bel.

— Ele não sentiria falta de contato humano? Mesmo que ele odiasse noventa e nove por cento de nós, não acha que ele iria se sentir compelido a interagir com esse um por cento? Será que toda a liberdade do mundo tornaria ele livre de seus instintos? O casado pode exercer todos os seus direitos como cidadão, ele sabe que vai estar contribuindo com a obra divina com seu papel. A meu ver o casado tem meios melhores de alcançar a paz interior do que o solteiro exilado. —

— E se não fosse só um exilado? – Insistiu Bel.

— O que está dizendo? Já está conjecturando loucuras Bel. Não há para onde se esconder dos hereges se não de baixo da terra. Seu delírio é insustentável, se você construir uma comunidade com valores diferentes da que continua dando certo mesmo depois de quase sermos aniquilados. No primeiro sinal de progresso eles irão te exterminar. É com base nessa tirania que nos tornamos mais estritos, para sobrevivermos, nos tornarmos fortes e revidarmos. Resolvemos isso primeiro antes de sonharmos com utopias.

— Ha! esse rigor todo deu ótimos frutos. — Resmungou Michigan.

— Se controle na minha frente! Você não vai fazer pouco do que eu falo, mesmo bêbada não vou admitir o mínimo desrespeito!

— Eu sinto muito senhor! Nossa...

— Já passamos da hora, amanhã continuamos viagem no clarear do dia. Dispensados. Michigan encarou Bel como que o culpando pelo corte do capitão e pulou da duna para o plano. Moriô levantou e antes de voltar para dentro chacoalhou o amigo no ombro e também desapareceu.

— Vejo que ocupou a mente com bons questionamentos ao invés de pensamentos negativos, isso é bom. Continue assim, filho.

— Galvatan! — Chamou Michigan.

— Vou tentar colocar um pouco de juízo nessa cabeça oca antes de dormir, boa noite.

— Boa noite Gal.

Os seguintes dias foram daqueles de rasgar um mês do calendário, nada no céu nem em terra, nenhuma mudança de clima, nenhuma descoberta. A única coisa que chamou sua atenção foi durante a tarde no seu turno de monitoração do perímetro. Estava em estado de prontidão no assento, pronto para se atirar no exoesqueleto no primeiro sinal de conflito, de repente avistou ao longe uma cáfila de camelos. Deu zoom para ver

melhor, mas era impossível enxergá-los com mais detalhes, o sol repousava por cima dos animais. Seus radares indicavam atividade zero no perímetro, portanto supôs ser uma miragem. Era uma ocorrência comum dos encarregados de tal tarefa que os pilotos revezavam em ciclos de quatro horas.

Para ajudar a suportar o tédio absoluto Bel preferia atividades repetitivas de certo grau de concentração. Tinha em mãos uma raquete e bolinha de tênis de mesa e teimava em arremessá-la por cima da tela principal para ficar rebatendo em sequência até errar, buscava a bola e repetia o processo até a exaustão. O desgaste físico era uma maneira boa de conseguir dormir, a única que dera certo para ele até então.

O processo continuou o mesmo até que as cinco horas da manhã de uma data que Bel havia perdido a conta, a voz rouca de Galvatan chiou no rádio.

— Todos os identificativos de chamada, aqui é Hollow 2, há alguém nesta frequência que preservou suas faculdades mentais?

— Hollow 1 na escuta, pode ir direto ao ponto, conseguiu algum sinal?

— Temos uma linha com os Avars. O capitão Josua está nos esperando para entrar em Posmodel. Como esperado eles não conseguiram estabelecer contato com a cidade até agora, estão hesitantes em agir sozinhos.

— Posmodel têm milhares de habitantes, será que eles foram comprometidos? É de fato estranho nenhuma frequência estar transmitindo nada para fora.

— Mais uma coisa senhor, eles detectaram a presença de um pequeno grupamento de Carnívoros no setor, qualquer tentativa de contato foi recusada ou cortada, nesse momento estão navegando em linha reta na direção da cidade mais próxima. Nós podemos interceptá-los com o elemento surpresa.

— Não vamos perder tempo, me passe os dados do encontro. — O batedor transmitiu um relatório de Avars com as últimas coordenadas conhecidas dos fugitivos, sua média de velocidade e coordenadas do seu potencial destino.

— Todas as unidades, preparar para o combate, coordenadas enviadas, Hollow 3, 4 e 5 reagrupem comigo, Hollow 2 ficará em posição mantendo contato com as duas partes.

— Sim, senhor! — Acatou a unidade em uníssono.

Chegando no ponto de interceptação Bel escolheu uma duna de visão e posicionamento privilegiados quase de frente para onde se acreditava aparecer os fugitivos a qualquer momento. Com esforço hercúleo desgrudou do assento, hesitante

ativou a câmara interior e deu de cara com o exoesqueleto lhe esperando. Encarou-o por um momento, entrou e o vestiu, sentindo na hora o choque da mudança de gravidade e peso da máquina como um todo. Seu Carnivore transicionou para o modo de combate em movimento, Bel já com pleno controle dos membros robóticos deslizou de peito pela areia até sua posição e modificou a atribuição de seu fuzil. Empregou-o no padrão de rifle de longa distância, trocando a munição e modificando o cano da arma com peças retiradas do equipamento das costas que com ajuda de um conjunto de braços mecânicos do próprio equipamento entregavam e guardavam os itens desejados nas mãos ou no chão se fosse preciso.

Os demais se posicionaram mais ao fundo do possível campo de batalha. Moriô e Husko espalharam algumas minas terrestres no perímetro e cobriam os flancos enquanto Michigan se fixava numa posição plana na retaguarda montada com bipés traseiros e dianteiros para estabilidade, ajustando os cálculos do sistema de tiro do seu obuseiro.

— Soldados, nos encontramos em mais uma situação estressante. Nosso tempo é curto, sendo assim não quero questionamentos com relação a minha decisão final. Pelo bem de todos eu quero correr o menor risco possível com nossa exposição, estamos entendidos?

— Sim, senhor! — As vozes saíram assíncronas, Bel demorou mais para responder, irresoluto.

A espera dessa vez foi questão de minutos, Bel foi o primeiro a avistar três concentrações de partículas de areia ascendendo no horizonte. Os carnívoros seguiam a toda velocidade. Bel mirou no mais próximo, aguardando o início da ação.

— Hollow 5, autorizado, fogo! — Husko e Moriô ativaram as minas à distância, causando uma série de explosões poucos metros à frente dos fugitivos. No susto todos eles entraram em modo de combate, porém foram lentos demais para começar uma troca de tiros. Bel, no aguardo da oportunidade, abriu fogo quando seu alvo estava no meio da transição, assim que avistou a cabeça. Atingiu em cheio a ligação com o restante do corpo, o projétil decapitou o alvo sem atingir o elmo nem a blindagem do peitoral em uma linha reta perfeita. Agora o possível líder do pequeno grupo estava cego. Seus disparos subsequentes foram direcionados ao chão afim de assustar os mais afastados. Era visível que a confusão dominou os sentidos daqueles pilotos, um deles tomou cobertura nas dunas e fez disparos a esmo, mesmo protegido por diversas camadas de blindagem humano de dentro agiu como um desesperado diante de uma força desconhecida. O outro

tentou fugir, mas foi interceptado por Husko que diminuiu a distância e fez fogo de supressão no adversário com a cobertura de Moriô, obrigando-o a abaixar as armas.

— Aqui é Hollow 4, o último cara não para de mandar bala no nada senhor, ordens?

— Hollow 3, dê um susto naquele nóia pra mim.

— É pra já! — Michigan disparou seu obuseiro, o impacto se deu poucos metros atrás do último Carnivore hostil que coberto de areia por fim cessou a resistência.

— Aqui é AS205 do Exército Planetário Golithano de Defesa, identifiquem-se ou abriremos fogo, câmbio! — Rosnou Husko.

— AS205, nós nos rendemos! Somos recrutas em treinamento do comando de Posmodel! — Respondeu uma voz atormentada.

— Desertores então, me diga a razão sem enrolar! — Husko se aproximou à queima roupa daquele que rendeu e manteve seu fuzil apontado para a esfera do piloto, Moriô e Bel tomaram os demais em custódia.

— Posmodel está passando por um tipo de revolução enquanto falamos.

— Revolução?

Os desertores foram ordenados a se retirarem de seus Carnivores, os três jovens ficaram de costas para a perna do Carnivore sem cabeça, o choque térmico do líquido das câmaras interiores com o sol implacável causava efeitos colaterais nos prisioneiros como tremedeira incontroláveis, queimações e falta de ar.

— Só me digam o que temos de esperar lá dentro.

— O governador tem só alguns Carnivores guardando o palácio e um hotel ao lado, os outros desertaram. Há um culto de integração com o Povo das Nuvens que está influenciando a maioria da cidade. O líder do culto está negociando com os desertores para que fiquem do seu lado. Nós três não vimos uma saída, não queremos ficar em Posmodel quando os hereges vierem, muito menos ficar brincando de disputa de poder.

— Como isso pôde acontecer? — Perguntou Moriô perplexo.

— Posmodel é bem isolado, uma insurreição era possível de acontecer, mas de onde tiraram essa ideia nojenta de integração? — Continuou Husko, mas já era tarde, os recrutas exaustos de seja lá quanto tempo dentro de seus Carnivores não aguentaram o contato com o ambiente inóspito e desmaiaram.

— Ouviu isso, Galvatan?

— Alto e claro senhor.

— Então passe a palavra para nossos amigos de Avars.

— É pra já.

— Esquadrão Hollow, a toda velocidade para Posmodel!

— Senhor, e quanto aos recrutas? — Desafiou Bel.

— O que eu falei sobre me questionar? Estamos quase sem suprimentos, expostos e sem métodos para transportar prisioneiros, eles trouxeram esse destino para si mesmos quando abandonaram seus conterrâneos.

Bel simulou a discussão na cabeça, a conclusão era óbvia. Sem uma solução melhor ele correu até os recrutas e os agarrou com os braços do carregamento das costas como se fossem uma das peças do fuzil que recolhera depois do confronto. Os braços se retraíram para dentro dos compartimentos, mas Bel deixou-os meio abertos, um último recurso possível de ser usado em modo furtivo.

— Bel, se não estivéssemos pressionados a concluir a nossa missão você iria se juntar a eles!

— Eu sei senhor. Houve uma época em que os pilotos Goliathanos levavam a salvação de uma vida como algo mais importante que a missão a exemplo das escrituras.

— Esse tempo acabou, você logo vai perceber isso. — Disse o capitão inquisitivo. Michigan deixou explosivos nos Carnivores roubados e no limite do alcance os acionou. O fogo e fumaça dos destroços de certo chamariam a atenção, talvez mais do que o combate que se deu ali, mas ainda que perigoso era melhor do que deixar Carnivores intactos para o Povo das Nuvens investigar. Um vazio doloroso e nauseante disparou na sua barriga ao constatar que aquele cenário tão atípico não seria ignorado por muito tempo.

O esquadrão se juntou a Galvatan e prosseguiram com os últimos dias do extenuante percurso, chegando ao fim do deserto de Hori. Os recrutas tinham morrido de exaustão numa noite em que Bel tentava sozinho reanimá-los enquanto abrigados no Guarda Sol com remédios e as pílulas que lhe restaram. O piloto os enterrou na areia e rezou pelas suas almas por intermédio de Thalia, depois deu voltas e voltas pela área para tentar se acalmar, cuspiu na direção do Carnivore de Husko, acenando negativamente com a cabeça sem parar. O que acontecera com a tradição que o salvou a tanto tempo atrás? Era para que naqueles tempos difíceis tal prática se proliferasse ainda mais, mas na realidade era o contrário. Talvez sua criação com Thalia tinha sido boa demais para comparar com uma instituição militar acuada como as forças de defesa hoje em dia. Bel

se perguntou se não era melhor a organização abandonar a subserviência religiosa já que na hora H o resultado final fosse tragédias como a daquele dia.

Posmodel se encontrava no continente Naliciano, e o que separava um de outro era a chamada grande desolação, uma superfície de solo enegrecido que uma vez fora um imponente mar aberto. A partir dali o clima começou a mudar gradualmente. Os dias ficaram mais cinzentos, o vento mais ameno, e os pilotos foram agraciados com o canto de pelicanos atravessando aquela área junto deles. Em Nalícia o esquadrão se deparou com florestas secas, sem vida, cercadas por uma forte névoa aparentemente sem fim. Muito do terreno era acidentado, obrigando os pilotos a manterem os Carnívoros em modo de combate. A cidade se encontrava em alta altitude, próximo dos dez mil pés. Estradas e pontes que uma vez conectavam aquele centro industrial com o resto do mundo se encontravam destruídas. O Carnívoro de Moriô se destacava nesses obstáculos, tanto que tomou a vanguarda. Fez bom uso de sua ponte extensível em abismos, cada robô passava u de cada vez naquela estrutura estreita, Michigan com seu Carnívoro Ogro quase caiu mais de uma vez pela desproporção de tamanho e peso a distribuir em cada passo, mesmo com os outros Carnívoros segurando a ponte de ambos os lados. Quando o caminho mais rápido era escalar as montanhas, Moriô distribuiu equipamentos de escalada nas proporções dos aparelhos: cordas de Naphen, mosquetões, cintos, talabardes com pontas de conexão de ancoragem e machados de escalada. O esquadrão passou metade de um dia só para chegar ao pico do monte que os separava do vale onde se escondia Posmodel. Depois do que parecia ser só um sonho distante, avistaram a cidade térrea no fundo do vale.

As coordenadas até a entrada davam para um paredão rochoso, os Carnívoros precisaram ficar enfileirados na entrada. Husko ajustou a frequência da cidade e se apresentou:

— Comando de Posmodel, aqui é AS205, esquadrão Hollow da segunda divisão de cavalaria de Asuria solicitando entrada nos hangares, câmbio. — O capitão aguardou um breve momento sem resposta. — Comando de Posmodel, comando de Posmodel, na escuta?

— AS205, qual é o propósito de sua visita?

— Eu quero explodir as bolas desse desgraçado.

— Shh!

— Calma Michigan, aguenta só mais um pouco. — Rebateu Galvatan.

— Fomos obrigados a cortar nossa rota de missão por conta de uma patrulha do Povo das Nuvens. Nós os despistamos, mas tivemos que fazer desvios muito fora do previsto. Estamos sem suprimentos, só precisamos reabastecer para continuarmos com nosso caminho, câmbio.

— Será que vai dar certo? — Perguntou Michigan coçando o pescoço.

— Não sei menina, mas precisamos nos preparar para o pior. — Disse Moriô verificando suas munições. De repente o paredão rochoso se moveu, revelando uma pequena passagem muito parecida com a saída do hangar de Asuria. Husko entrou sem demoras seguido pelos subordinados em seguida.

— AS205, desculpem a demora. Sejam bem-vindos a Posmodel! Infelizmente nossas catapultas estão em manutenção no momento, por isso terão que usar o elevador. Ah, eu sei o quanto é demorado, mas depois de tanto tempo aí fora o que é esperar mais uma hora de descida, ok? Não estranhem se notarem falta de pessoal nos hangares, estamos enfrentando alguns problemas ultimamente, nada que não se resolva.

— Muito obrigado comando, vocês salvaram as nossas vidas.

— Disponha, câmbio desligo. — A passagem escondida se abriu, de cara olhando para o seu interior dava para enxergar no fundo da entrada quadrada de dez metros até cinco conjuntos de duas linhas para o encaixe nas catapultas. As paredes eram rocha e o chão era somente uma escotilha móvel que além de piso para as unidades lançadas do fundo do abismo nos hangares servia como elevador de emergência. Quando todos foram para dentro, a engenhoca começou a descer bem devagar, o mecanismo que movimentava as grandes placas soltou faíscas nos quatro cantos, causando ruídos detestáveis do atrito das engrenagens enferrujadas. O esquadrão amontoado preparou as armas para a execução do plano.

— Ouçam bem, sendo a primeira vez que vocês vão entrar em um nível residencial com um Carnivore façam o favor de se espelharem em mim. Só respondam fogo, eu repito, só respondam fogo se atirarem em vocês primeiro. Retaliem no peito e acabou, entendido?

— Mas capitão, e se a bala ricochetear? — Perguntou Bel.

— Se isso acontecer, não terá sido culpa de vocês, será autodefesa.

— Por Kaswzth, que não tenhamos que atirar primeiro. — Orou Michigan.

— Se eu mandar não hesitem.

— Isso não soa legal, Tô com a impressão que vamos acabar mal interpretados nos livros de história. — *Pressentiu Moriô.*

A escotilha acelerou de forma drástica de repente, o esquadrão ficou de joelhos, procurando uma superfície para manter o equilíbrio. No instante seguinte o sangue de todos borbulhou em adrenalina, Bel foi atingido com uma pontada súbita no coração quando a escotilha abriu. Os comunicadores chiaram um som agudo de interferência aos gritos de pavor dos pilotos. Husko reagiu rápido travando sua arma na cintura e retirando duas de suas serras dos compartimentos. Impulsionou o Carnivore até a parede com as turbinas e ativou as serras, cortando duas linhas retas fundo o suficiente para se prender, o restante do esquadrão continuou caindo. Bel teve seus sentidos distorcidos por um breve momento, sua visão escureceu, seus ouvidos zumbiram alto e ele perdeu a distinção de cima para baixo, assim como de onde estava. Quando voltou a si viu o Carnivore de Galvatan bem na sua frente com os braços e pernas estendidos no intuito de diminuir sua velocidade, o veterano o estava acompanhando na queda. Do alto viu um Carnivore atrelado à parede descendo a uma velocidade muito menor que eles. Renovado com a adrenalina Bel rodopiou o corpo em direção ao fundo do abismo, onde enxergou Michigan se jogando contra a parede. No desespero ela errou e seu Carnivore rodopiou diversas voltas desajeitado, até que ela conseguiu apunhalar a parede com uma das mãos e ficou para trás num piscar de olhos. O alto berro de dor feminino arrepiou a espinha de Bel que balbuciou uma curta prece ao mesmo tempo em que catava suas lâminas serrilhadas.

— *Moriô!* — Berrou Galvatan. — *Bel! Moriô continua caindo, venha comigo!* — Não deu nem tempo para Bel dar espaço para a passagem do veterano, foi tomado de surpresa por um agarrão e no instinto procurou a parede com o braço livre para não receber o baque de uma colisão. Galvatan manobrou os dois Carnivores para o meio e ficou de bico para baixo, descendendo ainda mais rápido. Bel não tardou em imitar o movimento. O carnivore de *Moriô* flertava com a escuridão do fundo do abismo, a qualquer momento desapareceria, mas tanto Galvatan quanto Bel conseguiram acelerar a tempo de se nivelar com o amigo inconsciente.

— *Comigo Bel, agora!* — Os dois se impulsionaram jogando o corpo robótico de *Moriô* para a parede, cada um agarrou-se nele e apunhalou a parede com suas serras, uma se prendeu mais acima que a outra, mas ainda assim conseguiram conter a queda.

— Ótima decisão de vocês dois! — Elogiou Husko se reaproximando do esquadrão.

— E agora? Ficamos assim até ele recobrar a consciência?

— Não quero contar com isso, vamos subindo com ele devagarinho até a entrada do nível residencial. Você consegue?

— Sim, sim eu consigo. — Bel respirou fundo e na pressa de sair daquela furada tomou iniciativa de se jogar para cima. O Carnivore navegador quase escorregou por baixo de seu ombro, mas ele reposicionou seu braço o mais rápido que pôde no equivalente a região da virilha do robô e o puxou um pouco mais para cima. Galvatan aproveitou para deixar seu abraço ainda mais firme.

— M-me desculpem aí, mas eu estou sem condições de ajudar, mal consigo me segurar sozinha então... — Era verdade, o Ogro nunca fora desenhado para realizar grandes feitos acrobáticos, era uma unidade de solo do conceito à execução.

Husko chegou até o grande portão de acesso à área residencial e desenhou uma pequena entrada com uma das serras. Nas entradas e saídas dos hangares essas passagens eram como elevadores de serviço, já que o ideal a ser almejado pelas cidades subterrâneas era de um refúgio pacífico temporário até que a ameaça dos céus fosse neutralizada. Os militares dedicariam a vida em função de derrotar esta crise nas camadas mais baixas com muita pouca interação com os civis, a não ser em ocasiões como essa.

— Sem problemas, Bel e eu é o suficiente pra lidar com isso.

— Wow! — Moriô acordou gritando do nada, no susto quase levou os outros Carnivores em uma nova queda livre.

— Calma, calma Moriô!

— Irmão, é o Bel! Você desmaiou, fica frio!

— Ok, ok, ok. Eu tô bem.

— Consegue escalar sozinho? — Perguntou Galvatan.

— A-acho que sim, sim! Eu não sei o que deu em mim para desmaiar assim. — Moriô retirou uma lâmina de cada vez com calma dos seus compartimentos internos, Galvatan e Bel o ajudaram a ficar de frente para a parede branca e o navegador conseguiu se segurar sozinho.

— Eu tenho que dizer que nunca na minha vida quis tanto que tivéssemos as asas do Povo das Nuvens como agora. — Lamentou Bel.

Das profundezas do abismo nasceu um som metálico estridente, como um amolador afiando uma faca. Todo o esquadrão estava de frente para o portão da cidade, menos Michigan que se apoiava do lado oposto, lado este que colecionava marcas de riscos pretos, geradas com o gasto do contato com a superfície dos Carnívoros durante os lançamentos de catapultas dos hangares.

— Artilheira, pule daí agora! — Michigan teve de pegar impulso antes de saltar para evitar da gravidade a puxar direto para baixo. O Ogro se jogou momentos antes de um grupo de Carnívoros dar as caras e desaparecer em um piscar de olhos, Michigan caiu alguns metros se apoiando nas serras antes de se estabilizar.

— Alguém contou quantos Carnívoros subiram? — Perguntou Husko.

— Não.

— Não senhor.

— Tudo bem, vamos sair daqui antes que mais alguma merda aconteça.

O esquadrão seguiu Husko em ritmo arrastado, toda aquela atuação da gravidade estava cobrando seu preço em cada um deles. Husko foi o primeiro a pisar em terreno firme, verificou o corredor em busca de sinais de vida e ficou de joelhos na ponta, alcançando a mão para o seguinte membro a escalar. Um por um Husko puxou para dentro do corredor, primeiro Moriô, seguido de Michigan, Bel e Galvatan por último. Ao pisarem no chão cada um se arrastou para um canto diferente. Husko ficou agachado na mesma posição, Moriô deitou-se de concha, Michigan procurava em vão algo como um corrimão para se apoiar, já Bel ficou de bruços, dentro da câmara respirou e inspirou como um touro na busca pela renovação de ar. Galvatan foi o único que permaneceu de pé, embora apoiado de costas de cabeça para cima. Os pilotos ficaram daquele jeito por mais de dez minutos. Bel preocupou-se demais com as consequências do esforço físico extremo, ao ponto de pela primeira vez cogitar a possibilidade de morte durante o período de reabilitação. Se já demonstrava sinais de fraqueza em comparação com seus colegas de fisiologia similar, agora se encontrava neurótico. Tremeu nas bases, teve vontade de chorar, seu corpo borbulhava e formigava em rajadas intermitentes de estímulos nocivos como um órgão exposto ao ambiente. Parecia ter sido envenenado com um agente químico poderoso. A câmara interior, recebendo os dados do piloto em tempo real, injetou no líquido envolto em Bel quantidade considerável de um potente sonífero, deixando-o grogue no ato. Um relatório médico foi enviado à interface de Husko, o capitão então decidiu aguardar ainda mais antes de prosseguir. Com ajuda de Galvatan resumiu contato

com a unidade Avars, reportando o acontecido e planejando os próximos movimentos. Avars havia chegado na região primeiro e permaneceu nas montanhas observando a movimentação de fora na espera de interceptar uma unidade para adquirir mais informações. Os dois capitães concordaram em manter Avars na reserva até pelo menos a primeira ação de reconhecimento de Hollow.

A ordem de partida deu-se por volta da meia noite, depois de um descanso por todo resto da tarde. Bel se preparou para uma noite sem sono, fechou a mente para toda e qualquer outra possibilidade, o desconhecido se encontrava no fim da escura passagem emergencial. Husko reorganizou a formação, tomando a vanguarda para aproveitar ao máximo sua tecnologia avançada do Povo das Nuvens. Os drones ficavam a até cem metros de sua posição, tornando o Carnivore do capitão a isca perfeita para atrair fogo inimigo. Seguiu de ombro para a parede da esquerda, de olho vidrado na mira holográfica do fuzil. O restante do esquadrão o seguiu colados uns nos outros, os Carnivores batedor e fuzileiro cobriam o avanço do de comando, na retaguarda o navegador cuidava do caminho por onde vieram e o artilheiro aguardava no meio calibrando as defesas de pontos e o sistema de mira do obuseiro para apoio onde fosse necessário.

As passagens escuras estavam vazias, do outro lado Husko puxou uma serra circular e abriu outro caminho pelo portão selado. Depois de tanto tempo parados Bel tinha a certeza de que a qualquer momento poderia aparecer uma patrulha à procura deles, no mínimo a ponte de comando da cidade àquela altura deveria ter notificado os desertores da tentativa de assassinato decorrida mais cedo.

O esquadrão enfim teve o primeiro vislumbre de Posmodel propriamente dita. Entraram numa pequena antessala que acabava em um dos elevadores para os andares mais inferiores do nível residencial. Posmodel da sua linha de visão era como uma ampla constelação esverdeada, a cidade era iluminada por milhares de pequenas pedras brilhantes ao redor de centenas de conjuntos de casas planejadas fixas na rocha cobrindo de cima abaixo quase todo espaço disponível. Essas casas eram conectadas ao nível térreo por conjuntos de elevadores como o que os aguardava depois da antessala, era notável o fato de que as moradias no teto tinham passagens fechadas conectadas a cada casa para locomoção até os limites da rocha. Das janelas, além das luzes artificiais, a maioria das casas mantinham as quatro velas acesas com chamas azuis enquanto sempre que residiam na casa, dando a entender que ainda acreditavam nos antigos costumes, algo que contradiz a informação dos recrutas à primeira vista. Esse conjunto de diferentes fontes de luz dava

a sensação de se observar um céu noturno colorido. Enxergaram um pequeno número de estruturas para elevadores do mais alto nível até o solo, Bel se pôs no lugar daqueles moradores por um momento, pensando em como seria o deslocamento por aqueles corredores no dia a dia, a lotação daqueles elevadores transportando seja lá quantas pessoas de tão alto. Mas antes que pudesse se perder em conjecturas de vivências diferentes Husko seguiu em frente.

— Vamos aproveitar esse tempo extra para procurar por Carnivores. — Ordenou Husko ativando o elevador. Ao pisarem no meio de transporte ativaram os zooms das câmeras em diferentes pontos até o máximo da linha de alcance.

— Azimute onze graus oeste, distância dois mil e quatrocentos metros, múltiplos contatos no que parece ser o capitólio. — Informou Galvatan.

— Bom trabalho.

— Parece que estão cercando a área, a minha interface só marcou uns três Carnivores defendendo o perímetro, temos pelo menos nove nas imediações. — Disse Michigan.

— Um bom sinal, quer dizer que as coisas ainda estão caóticas. Vamos ajudar a pôr ordem na casa. — Falou o capitão.

— Como prosseguimos capitão? — Perguntou Moriô.

— Nos aproximamos a toda velocidade e entramos na zona do capitólio. Se os desertores ainda têm dúvida em atacar, nossa chegada deve fazê-los recuar.

— Senhor, estou captando constantes ondas sonoras nas ruas lá embaixo. Parece ser uma manifestação.

— Vamos dar uma checada. — Todos amplificaram suas entradas de áudio e limpam a poluição sonora do ambiente. Bel ficou chocado com as declarações e exigências vindas do meio da multidão:

— Meus irmãos e irmãs! Acabo de ser informado da desfeita criminoso de nosso suposto protetor! A chegada de militares das forças planetárias de defesa revelou as intenções bélicas do senhor governador! Aquela velha raposa nos ludibriou por tempo suficiente para a vinda de reforços! Nós cidadãos, ainda servos de Kaswzth, desejávamos aguardar a chegada dos grandes conquistadores em paz, em oração. Entretanto é essa a resposta que recebemos, aqueles consumidos pelo poder falham em enxergar o próximo passo de nossa crença, dizem que é heresia, mas nós não teremos medo de nos opor! Pois se os conquistadores levaram nossas sacerdotisas imortais para junto de seus braços, que

outra mensagem o nosso Deus nos manda senão seguir o caminho tomado pelas santas? A igreja de Kaswzth, instituição tão bonita, abraçada por todo o planeta, que nos propiciou a paz duradoura entre nós se encontra em crise hoje porque se recusou a se adaptar à nova realidade! Por consequência desta tola decisão nossos queridos irmãos por todo o globo se encontram acuados, amontoados como porcos no chiqueiro, roçando na sujeira um do outro pois aqui embaixo só acumulamos pó! Nossa juventude foi forçada a dedicar o tempo indispensável da sua formação para seguir a doutrina a ferro e brasa sem questionar por fraqueza latente das autoridades ignorantes à vida do cidadão comum e do tamanho de sua fé. A chegada dos xenos expôs o pavor do clero pelo questionamento, e agora o balanceamento perfeito da ciência que nos mantém vivos e da religião que nos dá força foi quebrado, não pela dúvida da existência do senhor, mas pela opressão dos seus representantes terrenos. Como foi possível que uma realização dessas foi jogada no lixo em uma única geração? Nós nunca mais iremos deixar para aqueles que não tem o chamado ditar nossos rumos, nós mesmos o faremos e esse corte de laços começa hoje! Às armas os irmãos que podem lutar para manter nosso sonho vivo! Me deem força para convencer nossos militares locais do correto a ser feito, ou desejam arriscar serem exterminados por irmãos que desconhecem nossa luta? Eles jamais tentaram entender a conclusão que chegamos aqui e não estão necessariamente errados em o fazê-lo, o Povo das Nuvens é nosso inimigo, mas é inimigo até demonstrarmos que não planejamos resistir, mas sim sermos integrados como a exemplo de nossas sacerdotisas no céu. Se os conquistadores nos julgarem indignos nós seremos conduzidos ao paraíso sem dúvidas, mas não temam! Os cansados de viver espremidos no centro da terra só para esperar por uma solução com alta probabilidade de falha depois de punir o interventor de nossa salvação se juntem à mim para as boas—vindas aos conquistadores! Não vai demorar muito, eu lhes juro!

A multidão deu uma série de gritos que tornou impossível qualquer captação daquela única voz por alguns momentos.

— Mas o que é isso que estamos ouvindo? — Disse Bel, chocado.

— Senhor, eu não vejo uma solução para isso. — Apontou Galvatan com firmeza. Em resposta Husko ficou em silêncio, Bel faria qualquer coisa para poder ver a sua cara agora.

— V-vamos mesmo nos m—meter nisso? — Perguntou Michigan perturbada.

— É assustador, mas eles têm um ponto. — Afirmou Moriô.

— Elabore. — Disse Husko.

— O medo do alto comando de conduzir um grande ataque nas patrulhas do Povo das Nuvens é o problema aqui. Se qualquer uma das cidades subterrâneas for descoberta corremos sério risco de sermos caçados como ratos até o último bastião. Não conseguimos derrubar nenhum daqueles malditos até hoje, a única forma que eu penso ser possível é atrairmos eles com uma bela isca, mas a que preço?

— Resumindo, é como se nós não temos nenhuma agência com relação a uma solução para o problema que assombra a nossa existência, e esse maluco ali propôs uma saída mais fácil. — Disse Husko.

— São malditos hereges... todos eles. — Disse Michigan para dentro.

— Podem ser hereges, mas não importa, temos que convencê-los a não se sacrificarem, eles parecem estar muito convencidos disso. — Disse Bel.

— Senhor, pelo bem do futuro das demais cidades subterrâneas, é nossa obrigação fazer como Bel disse nesse caso, devemos ao menos tentar. — Disse Galvatan.

— Esse é o peso que temos que carregar, e eu aqui achando que sofria com o exoesqueleto. — Disse Husko suspirando.

O elevador chegou ao destino, o esquadrão manteve a formação, se deslocando por ruas menores para evitar o acidente com pedestres. Para sua sorte a maioria da população estava amontoadada no grande centro, poucas pessoas entraram no seu caminho, e quando entravam corriam para os cantos, becos ou interiores de bares, restaurantes e outros comércios para ficar a salvo. Carros, postes, bancos de praça, escadarias eram esmagadas sem dó. Ao se aproximarem do centro, escalaram as edificações, começando por apartamentos de até dez andares até partes de torres de empresas, a partir daquele ponto todas as ruas estavam lotadas. De início a população ficou confusa com a aparição dos Carnívoros, filmando e tirando fotos de seu deslocamento até o conteúdo chegar às lideranças do movimento que tentaram entrar em contato com os desertores. Mas era tarde demais, Husko liderou uma corrida final até o capitólio em um ponto aberto onde as duas facções podiam ver com clareza o que estava acontecendo.

Três aparelhos dos desertores abriram fogo na tentativa de impedir a manobra, contudo os drones de Husko se chocaram contra as rajadas, nulificando o ataque à custa do sacrifício de um terço do efetivo voador do capitão para impedir o ricochete das balas nos civis locais. Os disparos dispersaram a multidão que correu em todas as direções,

causando diversos incidentes graves em consequência do número de pessoas atendendo à manifestação. Bel suspeitou que a maior parte da cidade havia aderido.

Três aparelhos dos desertores abriram fogo na tentativa de impedir a manobra, contudo os drones de Husko se chocaram contra as rajadas, nulificando o ataque à custa do sacrifício de um terço do enxame para impedir o ricochete das balas nos civis locais. Os disparos dispersaram a multidão que correu em todas as direções, causando diversos incidentes graves entre si em consequência do número de pessoas atendendo à manifestação, Bel insinuou que a maior parte da cidade havia aderido. A manobra ousada e o consequente engajamento deixou os quatro Carnívoros entrincheirados nas instalações confusos pois não efetuaram um único disparo mesmo com visão clara dos intercessores. A unidade Hollow buscou cobertura nos muros, pilares e qualquer outro obstáculo disponível voltado para os desertores do lado de fora.

— Cessar fogo, cessar fogo! — Husko então anunciou a designação de sua unidade em uma frequência aberta. — Retirem-se imediatamente da área! Nós intermediaremos uma negociação em nome do governo planetário no tempo devido! Repito, retirem-se da área agora!

Era exaustivo procurar por alvos no calor do momento, só de pensar que algum Carnívoro não identificado pudesse estar mirando acima de sua cobertura de uma posição vantajosa era paralisante. Os dissidentes identificados mantiveram as armas apontadas protegidos pela cobertura das ruas e prédios ao longo do perímetro, sem saber se civis poderiam estar os ocupando tornou o peso do gatilho imensurável. Após um impasse de alguns dos minutos mais longos de sua vida, Bel conseguiu relaxar ao presenciar o relutante recuo dos desertores.

Nas ruas a multidão ainda se aglomerava dez quadras afastados dali, acompanhando sua ânsia escutando-os com amplificadores de som, não havia dúvidas de que seu fervor crescia a cada minuto. Na frente das multidões alguns líderes atizavam a sua ira, eles invocavam canções regionais de origem do antigo país da região, assim como rezas em massa. Para quem eram direcionadas tais rezas Bel não sabia dizer. As únicas pessoas restantes por perto eram os desafortunados feridos, pisoteados, deixados para trás na confusão. Uma minoria de civis os socorria, levando-os para ambulâncias ou para o destacamento de bombeiros e policiais mais próximo. Seu trabalho de manutenção da ordem e segurança em uma primeira análise parecia ser muito limitado por conta da incapacitante quantidade de pessoas tomando as ruas. Era impossível qualquer tráfego se

deslocar por bairros inteiros na região central, e mesmo em caso de necessidade a polícia era impossibilitada de abrir caminho com uso de gases e armas de dispersão sem correr o risco de causar tremendo dano colateral como o que aconteceu há pouco. Para contornar o problema as organizações de segurança criaram postos temporários de atuação em inúmeros prédios e casas num raio de quilômetros. Eram nestes pontos que os feridos eram levados para tratamento na impossibilidade de deslocação para um hospital. Até então não haviam sinais de confronto com a polícia ou prisões, de fato todos os setores da sociedade Posmodelana estavam de acordo com a decisão de antagonizar o governo local.

De um lado essa união era um alívio, as forças de defesa planetária não estavam enfrentando uma situação de caos generalizado, mas ao mesmo tempo a inconformidade da população em não abandonar sua luta era de longe o maior risco que corriam. Se cometessem um único deslize poderiam esquecer quaisquer chances de frear os zelotes e recuperar a ordem pública. Mas o espírito daquela gente poderia ser retomado para a causa Golithana? Bel estava muito incerto dessa hipótese, tanto que orou por perdão em prevenção a qualquer pecado que poderia cometer nas próximas horas.

As tropas leais estabeleceram contato e abaixaram as armas. O líder do pequeno grupo deu-lhes as boas-vindas e os escoltou para o centro das instalações, passando pelo estacionamento e outros prédios administrativos, onde gozavam de cobertura completa tanto do hotel quanto do palácio. O líder, Johan Falx, convidou-os para deixarem as máquinas protegidas no estacionamento subterrâneo a fim de aproveitarem aquela trégua para descansarem um pouco da dura viagem. Husko ordenou que Bel desmonta-se com ele na atuação de escolta e que o restante se mantivesse posição na possibilidade de um ataque surpresa. O jovem desconfiou de que fora escolhido por conta de sua condição deteriorante, seu corpo descontraía de alívio, aquela decisão nutriu o conflito do corpo revigorado com sua mente insistente. Por dentro se recusava a ser tratado com mimos, pressionou a arcada dentária até doer de frustração e assim que se livrou do exoesqueleto sentiu um extenso formigamento nas pontas dos pés, braços e costas. Pela urgência de se esclarecer a situação os três saíram de suas esferas encharcados do líquido da câmara sem se secarem.

De cara Bel percebeu a diferença de pressão do subterrâneo para com a superfície, lembrou do quanto o ar desprovido de vento era perturbador. As cidades subterrâneas com seu clima tedioso e sempre abafado àquela altura era natural ao dia a dia da

humanidade, mas não para os pilotos, todos eles sentiam essa disparidade com constância suficiente para considerar isso como mais um fardo a ser suportado volta e meia. No melhor dos casos o ar era inodoro, mas em muitas áreas o odor cavernoso de umidade, esgotos com pobre manutenção, libido nos distritos de luz vermelha, a podridão fétida dos depósitos de lixo antes da expulsão para a superfície, a aglomeração de animais de raças diferentes nos cativeiros assim como nas fazendas artificiais e o calor infernal das indústrias reinavam supremos. Ninguém merecia viver assim, nem os piores pecadores, pensou Bel. Tinha tudo a agradecer por ter sido acolhido pela família de Thalia antes da guerra, a nova residência da família foi construída no mais próximo de uma antiga área nobre que se poderia dispor para os afortunados que restaram. Longe de todas as indústrias e depósitos, aquelas famílias viviam em pequenas casas coladas umas com as outras, eram-lhes concedidas o direito de possuírem pequenos quintais onde podiam cultivar um pequeno jardim com árvores e pés de frutas, algo impensável em tendo em vista a limitação claustrofóbica de cada terreno comum. Aquela simplicidade nunca ocorrera com as castas mais altas dos antigos países, os ricos, nobres e influentes a muito tempo controlavam vastas extensões de terras e nelas construíam suas residências e negócios faraônicos nos esforços geracionais de preservar e estender seu poder, do mesmo modo como fizera a igreja de Kaswzth. É pelo legado da sacerdotisa que ele, junto de seus avós se realocaram na fuga dos bombardeios para uma daquelas humildes ilhas sociais.

Bel trocara aquela vida de relativa bonança pela contribuição para o sonho de liberdade de todos, a questão agora era se depois de hoje ele se arrependeria da decisão. Revisitava nas instalações governamentais um pouco daquela saudade dos priorados, aqui se concentravam alguns dos maiores investimentos de construção e manutenção de um modo de vida mais abastado, e as grandes muradas separavam aquele centro decisório da realidade da maioria. Era quase como um refúgio mental do mero estresse de viver em um mundo onde há tantas pessoas por metro quadrado que é impossível evitar encontrões, empurrões, filas e congestionamentos a todo canto.

Falx guiou o capitão e Bel para dentro do palácio, na entrada, seguranças armados terminavam de levantar posições defensivas improvisadas com sacos de areia empilhados. Em cada uma delas instalaram metralhadoras de calibre .50, mas suas armas principais eram lançadores de granada antitanque como último recurso contra os Carnívoros desertores. Falx fez um gesto de paz aos seguranças que o reconheceram e

liberaram a entrada. Os pilotos apressaram o passo no salão principal do palácio, dos seus corpos ainda pingavam gotas do líquido da câmara interior. Falx era um homem muito alto, tinha olhos azuis escuros e com a região da testa sem um único fio de cabelo, mesmo com a queda acentuada de fios ele não passava dos trinta anos de idade. Bel imaginou que pudesse ser algum efeito colateral da pilotagem.

— Vou levar vocês até o gabinete do governador Gheron. Prossigam na calma, ele está muito instável desde que essa loucura toda começou.

— Obrigado pela confiança Johan, admiro a sua coragem de continuar leal diante de tudo isso.

— Elogiou Husko.

— Sendo sincero com o senhor, eu nem sei o que estou fazendo.

Bel admirou cada sala e corredor decorados com flores brancas, esmeraldas e violetas raríssimas, belíssima mobília e espaço de sobra, as paredes brancas reforçavam uma aparência de nobreza ao capitólio. A porta do gabinete era de madeira bocote, reproduzia uma cena de perfil esculpida à mão de um momento histórico de sua antiga civilização. Falx fez uma sequência de batidas na porta e uma voz abafada autorizou a entrada. O chefe lealista girou a maçaneta e os três homens caminharam até o meio da sala, à esquerda se encontrava uma grande estante que repousava centenas de livros de cores desbotadas, na direita um quadro enorme retratando uma vitória militar de tempos arcaicos, no centro um conjunto de sofás lotados com assessores e outros funcionários e no fundo uma janela fechada com uma camada metálica de proteção elevando-se diante da mesa do governador e de sua poltrona. Gheron Issas repousava as costas ao lado de uma porta logo após o quadro vitorioso. A mão na testa escondia os óculos redondos enquanto a outra segurando o canto da parede garantia seu equilíbrio.

— Senhor governador, os reforços que o senhor requisitou chegaram. — Anunciou Falx prestando continência, Bel e Husko o acompanharam-no na saudação.

— De quem partiu os tiros?

— Dos insurgentes senhor.

— Meu senhor governador, meu nome é Don Husko, capitão do esquadrão Hollow de Asuria, preciso que o senhor detalhe o que está acontecendo para podermos ajudar da melhor forma possível.

— Você ouviu as demandas do culto, não? Eles querem que eu embarque numa aventura insana sem volta. Acharam que poderiam se rebelar sem consequências,

passando por cima da minha fraca popularidade. Posmodel é uma cidade multicultural no pior sentido da palavra, eu defendi a minoria de Fenetalinos até perder todo meu poder político. Nós nunca conseguimos conciliar nossas diferenças dentro desse buraco, não até o culto de assimilação tomar força. Essa cidade estava condenada desde sua concepção, se fôssemos separados não teríamos população suficiente para manter uma produção suficiente para nosso sustento, e juntos nós nos odiamos. Hoje encontramos uma harmonia na morte conjunta. Agradeço por terem vindo, mas eu só os chamei para que o mundo soubesse de nosso destino o quanto antes.

— Você está sendo derrotista demais senhor, me ajude a negociar com os desertores e teremos o controle da cidade, depois disso é só eliminarmos as lideranças e suprimirmos o culto que podemos dar um fim a essa heresia!

— Entendi porque te mandaram aqui primeiro, uma pena que sua falta de visão lhe impediu de ver o todo, esse defeito é a desgraça do militar.

— O que quer dizer?

— Você focou em como mitigar o problema a curto prazo esqueceu-se de se perguntar como vamos impedi-los de entrar em contato com os hereges, se é que já não o fizeram.

— Capitão Husko, todas as nossas forças estão concentradas aqui, não tínhamos como impossibilita-los se quisessem ter ousado fazer isso. — Constatou Falx.

— O esquadrão Avars está monitorando a superfície enquanto falamos, digo sem medo algum que eles interceptariam qualquer tentativa dessas, mas vou informá-los assim que sairmos desta sala.

— Muito bem capitão, faça do jeito que preferir. Eu não posso atender às negociações, sou um alvo muito fácil, no entanto eu o declaro oficialmente como representante do governo. Tudo o que você decidir é lei, mas não espere muito sucesso.

— O senhor não percebe que todo esse tempo que ganhou até nossa chegada foi uma ótima jogada. Quando está marcado para acontecer as negociações?

— Em algumas horas com a liderança desertora. — Respondeu um assessor que digitalizava a possível última conversa oficial do político.

— Por que razão os desertores não acatam as ordens do culto e os atacam?

— O culto ganhou popularidade por ser um movimento pacífico, no momento em que ganharam força suficiente o braço mais fanático se infiltrou nos hangares. Como nossos conceitos são diferentes dos civis houve muita resistência a ideia de guerreiros

como nós desistirmos do nosso juramento por uma promessa de evolução. Esse processo começou a um ano e meio atrás, hoje eu diria que a base de desertores estava dividida em uma margem minoritária de adeptos e uma curta maioria de moderados relutantes às ideias do culto. Houve uma espécie de miniguerra civil entre os dois eixos a pouco tempo atrás, com a maioria saindo vencedora, por isso que você não viu um número muito superior de Carnívoros do lado deles. — Disse Falx.

— Hmm, é bem possível que a liderança dos moderados não queira nada com o culto.

— Nossa inteligência nos trouxe a informação de que o piloto que lidera os desertores é Maw Kron do esquadrão Point. Eu o conheço pessoalmente e digo que não se pode confiar nele.

— Por quê Johan?

— O cara não pensa duas vezes antes de fazer sujeira.

— Então vamos lidar com ele de acordo. — Flax e o Gheron assentiram.

— Capitão, eu sugiro mesmo que repouse seus homens na segurança do hotel enquanto ainda podem.

— Tem certeza Johan? Vocês estarão muito desfalcados!

— Mesmo se formos atacados podemos segurar tempo suficiente para vocês aderirem à batalha. Nós estamos fazendo a segurança do capitólio a poucos dias, não se preocupe com a nossas condições físicas e mentais.

— Precisamos primeiro reabastecer em um hangar.

— Nós não temos o controle de nenhum hangar desde que os desertores se aliaram com a população, eu sei que sabendo disso pode ser pedir demais, mas nos ajude a acabar com isso e nossa prioridade será garantir a vocês um tratamento digno de reis.

— Vou confiar nas suas palavras, só espero que você seja daqueles que sabe o quão difícil é cumprir as promessas que se faz.

Ouvindo aquilo Bel estremeceu, estavam nas suas últimas pílulas, o que faria que a negociação se estendesse? Sem tratamento adequado poderia morrer dentro do próprio robô. Na mesma hora lembrou da dor nas costas que sentia a algum tempo, as vezes ao andar seus ossos estalavam como se alguém apertasse as mãos neles até contorcê-los. Mais alguns dias e não aguentaria de dor sem o medicamento, um pouco mais que isso e ficaria preso a uma cadeira de rodas para sempre, sua carreira arruinada. Falx escoltou os dois pelos jardins do lado de fora do palácio até o estacionamento do hotel. O capitão se

comunicou com o esquadrão e todos estacionaram suas unidades no mesmo lugar, se juntando a eles pouco tempo depois.

Juntos adentraram ao único hotel de toda Posmodel, um ambiente chique, reservado as poucas autoridades, peregrinos e transportadores de matérias primas escassas que além dos militares arriscavam-se nas viagens pelo mundo. Todos esses viajantes eram transportados por veículos com tecnologias similares aos dos Carnivores, porem eram ainda mais discretos, ágeis e rápidos, sendo propriedade de grandes empresas comerciais. Os peregrinos pagavam bagatelas exorbitantes para a viagem de suas vidas a destinos inóspitos, obrigando-se a passar períodos extensos nas cidades subterrâneas enquanto os transportadores cumpriam seus contratos e pegavam novos. Além do contrato com as empresas os peregrinos pagavam uma pequena taxa para permanecer o tempo que fosse no hotel. Essa cultura se transformava em um acontecimento singular nas cidades já que era algo tão raro, os turistas se tornavam celebridades durante suas estadias, suas histórias eram partilhadas pela imprensa na televisão, se tornando um dos maiores eventos da consciência pública das sociedades subterrâneas Golithianas. Os militares como sempre eram a exceção, todos eles ficavam nos hangares se comunicando somente com outros da casta. O interior do hotel era parecido com o palácio, possuía os mesmos tipos de mobília e acabamento visual. Era composto por sete andares, o suficiente para acomodar até cinco tripulações de viajantes completas ao mesmo tempo. Tinha uma piscina no último andar, saunas, academias, um restaurante, bar, Spa, estacionamento e outros serviços que compunham um hotel de luxo de antigamente. Michigan saiu saltitando pela recepção, pouco ligando para a sujeira que acabou fazendo no chão com os restos de líquido esverdeado. Husko ordenou a saída imediata dos três dos Carnivores no intuito de amenizar o máximo possível da exposição aos exoesqueletos. Galvatan também parecia bem, ele sorria com o entusiasmo da garota ao pôr os pés em um ambiente luxuoso como aquele. Moriô estava mais lento, Bel pensou que alguém grande como ele precisaria de muito mais energia do que o normal para se manter ativo. Husko se despediu de Falx e reuniu o esquadrão no meio da recepção.

— Peço a todos tomem suas últimas doses das pílulas, se tiver sobrado alguma a mais mandem pra dentro também, os hangares não estão sob nosso controle. Eu vou dizer a verdade para vocês: Estou preocupado.

— Tudo pode desmoronar a qualquer momento, precisamos estar preparados para o pior. — Disse Galvatan.

— Quero todos de prontidão no primeiro andar e com os comunicadores ligados o tempo todo. Vou pegar algumas chaves de quarto para cada um se quiserem ter um pouco de privacidade, mas se eu ver alguma porta trancada vou punir o infrator na frente de todos vocês. Se precisarem de mim estarei atualizando e coordenando com o esquadrão Avares daqui por diante.

— Sim, senhor! — Todos repetiram em um tom monótono, estavam exauridos pela incerteza da recuperação física.

O hotel estava vazio, os funcionários fugiram e os hóspedes foram evacuados. Husko ficou na recepção conversando com Galvatan e Bel, Moriô e Michigan saíram para explorar o edifício. Michigan saía correndo tocando em tudo, como se sugasse energias desconhecidas do ambiente.

— Não quer guardar essa disposição toda para quando realmente precisar? — Perguntou Moriô.

— A adrenalina vai cuidar disso pra mim, olha pra isso Moriô, podemos ir para onde quisermos nesse andar, somos os reis desse lugar! Oh! Eu quero levar essa mesa comigo pra casa! É tão linda! Tudo aqui é tão bonito! Dá vontade de largar tudo e ficar aqui pra sempre!

— Era só o que faltava... — Sussurrou Moriô para Bel.

— Deixa ela se divertir.

— O que estão fofocando aí? Aposto que está contando pro Moriô o quão superior era a sua residência maravilhosa comparada com o hotel.

— Para de pôr palavras na minha boca.

— Quietos estraga prazeres, a tua mera presença quase estraga esse momento.

— Deixa disso menina, ele não falou nada demais. — Michigan deu de ombros e continuou andando, deixando Moriô falando sozinho. — Eu adoraria te defender um pouco mais, mas eu quero me atirar na cama um pouco, eu faria o mesmo se fosse você. Até mais Bel.

— Eu cuido dela, pode dormir tranquilo. Até Moriô, bom descanso.

— Se insiste, tudo bem então, mas me chame se ficar muito pesado pra você!

Nunca entendeu Moriô e sua filosofia de serenidade em todas as situações. Eram amigos, sim, todavia jamais melhores amigos, o homem de dezoito anos, alto de rosto quadrado e ombros caídos nunca partilhou do desejo de ir além do dever para salvar alguém. Foi idiotice ter idealizado nele as mesmas expectativas que tinha com Urien. A

grande vantagem de sua amizade era poder contar com alguém que nunca saiu da linha, sempre fizera um trabalho eficiente e tentar usar sua imagem como uma balança para quando estivesse indo longe demais além de suas obrigações.

Bel vislumbrou a deliciosa cama do seu quarto na mente, de certo era muito mais confortável que a da esfera do seu Carnivore, mas tratando-se de Michigan, enquanto ela estivesse ativa tinha certeza que sozinha faria algo que enfureceria Husko, portanto decidiu segui-la no meio tempo. Não no seu ritmo claro, ficou a uma boa distância da colega como um perseguidor. Na sua cabeça não era nada demais, mas sabia que Michigan iria demonizar qualquer ação sua. De repente ela se impulsionou para a esquerda e desapareceu em algum corredor, Bel apressou o passo, parando por um segundo ao descobrir que não era um corredor, mas sim uma das escadarias. Por sorte tinha boa audição, o que o permitiu seguir o som de seus passos até o terceiro andar, no qual a encontrou o esperando de frente ao que tudo indicava ser uma suíte presidencial.

— Se importa em ajudar uma dama? Arrombe essa porta pra mim. — Disse ela com um sorriso pedante.

— Quer dizer que de uma hora para outra é muito esforço pra você gastar energia? Faça suas coisas você mesmo.

— Imagina! Mas se eu tiver que fazer o trabalho saiba que vou fazer um barulhão! Se formos descobertos quero que o fiasco fique na sua consciência.

— Eu recuso.

— Quer que eu faça algo pior? Nessa forma de vaca magra não vai conseguir me impedir, e ainda vou botar a culpa em você. — Sorriu Michigan de queixo levantado.

Sendo um blefe ou não, Bel não queria arriscar ser pego, mesmo capaz de provar suas boas intenções. Girou a maçaneta, mas como esperado o quarto estava trancado. Recorreu a uma lembrança em que testemunhou um antigo amigo problemático assim como Michigan invadindo o escritório do padre da comunhão em que faziam parte por motivos nebulosos. Guardava na mente como uma fotografia o vívido e preciso instante em que o amigo atacou a porta apontando bem próximo da maçaneta com a sola do seu sapato. Como a suíte possuía duas portas idênticas era ainda mais fácil reproduzir aquele feito, e após um breve estrondo os dois entraram e se trancaram dentro.

A suíte, reservada para as figuras mais importantes do planeta não possuía o tamanho de uma equivalente da superfície, era similar em proporções com os quartos comuns, mas tinha uma única janela panorâmica com uma bela vista da cidade noturna

que também servia como saída de emergência, jacuzzi, cama de casal com mobília dourada, tapetes luxuosos, quadros de artistas prestigiados, serviço de quarto diferenciado e uma linha direta com o serviço secreto de Posmodel, por onde o estadista hospedado ali podia requisitar seus serviços e mesmo filtrar uma chamada de emergência com o governador, cargo outrora chamado de presidente no antigo país. Michigan pulou na cama e se espreguiçou como se tivesse acabado de acordar, depois de alguns bocejos e estalos dos dedos e pescoço ela se sentou e tocou algumas vezes no colchão com lençol branco amassado com a mão, um inequívoco chamado que tomou Bel de assalto.

— O que foi? Não está afim de conversar cara a cara?

— Você pode me escutar daqui.

— Hmm, que pena, achei que esse lugar fosse te trazer de volta aos velhos tempos. Deve ter sido divertido ficar dentro da abadia vendo o resto de nós trabalharmos o dia inteiro enquanto você seguia os padres como um cachorrinho obediente. Aproveitar a vida de riquezas do clero, ser introduzido a seus círculos mais fechados, ser ovacionado pelo povo só por existir, não ter de pegar no pesado um dia da sua vida. Parando para pensar, você foi um dos que mais perdeu pela nossa quase aniquilação. Eu deveria estar feliz por isso! – Disse a amiga de infância, cruel.

— Agora você está cruzando uma linha perigosa Michigan! – Grunhiu ele, apontando o dedo na cara da colega.

— Eu seria mais gentil contigo se você sentasse aqui comigo. Quem sabe você poderia me abraçar do nada como fazia sempre que nos encontrávamos quando éramos crianças, seria nostálgico pra caramba não acha? Já parou pra pensar no que os adultos achavam disso? Uma hora você deve ter sido chamado para se justificar, sem dúvidas.

— Por favor sua doente, eu era uma criança, não sabia o que estava fazendo, até hoje não sei porque fazia aquilo a não ser pelo fato de você ser minha amiga.

— Estou de sacanagem contigo! — Disse ela brincando de enrolar uma das mechas longas do cabelo curto entre risos. — Não precisa perverter essa lembrança da gente, ela é fofa, falando sério.

— Tem algo além desse assédio moral que tu pretende alcançar com essa conversa?

— Claro que tem! Quero que imaginemos o dia do nosso lindo casamento arranjado! Eu no interior da Catedral de Asuria, minha família de pé comemorando mais que a sua, usando o vestido de noiva, caminhando até o altar com meu pai aos olhos de

todos, meus amigos se emocionando e torcendo por mim, presentes caros, a festa. Mas o melhor, o mais importante, o mais belo, tinha que ser você para destruir. No fim das contas o maldito sistema que eu e muitos outros vimos fracassar com toda a força enquanto crescíamos ainda continua forte o suficiente a ponto de que nada mudou entre nós dois, você ainda tem chance de conseguir o que quer e eu me afundo no abismo infernal que é ser atrelada a você.

— Eu só cumpri meu papel como filho de Thalia até ingressar no exército, eu sinto muito, mas nunca cuspiria na sua memória para dar um golpe decisivo na igreja em crise por ninguém.

— Você poderia ter mudado tudo, ter ajudado tantos a serem mais felizes seguindo seu próprio caminho sem as garras da igreja falida sobre nós. Me dá um nó no estômago só de pensar como alguém como você pôde escolher não fazer nada sabendo disso, vendo nosso sofrimento com os próprios olhos. Esmagar meu sonho de felicidade nem é o que me deixa mais enojada, enterrar os sonhos dos outros de um mundo diferente quando mais precisávamos me entristece de verdade. — Rosnou Michigan enfurecida.

— A paixão por alguém pode se esvaír num piscar de olhos, você está sendo idealista demais com seu amor platônico.

— Cale essa boca suja canalha! Você nunca vai ser amado, já que sou forçada a ser sua noiva, vou me assegurar disso.

— Proponho um trato então, tanto eu quanto você queremos uma pessoa específica na nossa vida, então vamos ajudar um ao outro a tornar isso realidade.

— Impossível, qualquer tentativa nossa de impedir o casamento vai ser forçada, é um evento grande demais. Mais ainda, o exército como subordinado da igreja não vai querer sofrer pressão externa dela, por isso nosso casamento é uma realidade e ponto. A pessoa que amo também tem sua noiva, acha que ele vai trair sua união sagrada para ficar comigo tão fácil assim? Sem falar na sua insanidade mental de resgatar as sacerdotisas lá de cima.

— Eu preciso do máximo número de pessoas possível para me ajudar com meu objetivo quando invadirmos aquela maldita metrópole. Eu posso ter me omitido em desmantelar as instituições da igreja uma vez, mas nada me impede tentar quando a oportunidade chegar de novo.

— E acha que ela vai chegar?

— Venha aqui. — Bel pegou a mão da noiva e a guiou até a janela. — Dê uma olhada na determinação daquelas pessoas em colocar o plano maluco delas em ação. Isso é em uma cidade só, imagine quantas outras precisam de uma mera faísca para que algo parecido se reproduza. Eles estão certos, você e as outras crianças estavam certos, o clero que domina nosso modo de vida falhou quando o Povo das Nuvens apareceu, nos resta criar um mundo novo que seja compatível com o que buscamos, eu e você. Essa será a nossa união.

— Essa ideia ainda está bem vaga se me permite dizer, mas eu aprecio a sua tentativa de se redimir comigo. Se conseguirmos voltar sãos e salvos para casa, me apresente algumas ideias sobre isso e eu penso em como posso me aproximar do meu amor.

— Combinado.

Os pilotos deixaram a suíte e desceram as escadas com muito cuidado para não serem vistos. Regressaram ao térreo sem encontrar ninguém, o corpo de Bel liberou as tensões na hora e ele voltou a sentir o corpo pesado, querendo ceder à primeira desculpa que encontrasse. Embora tivesse noção de que estava sem condições para exagerar daquele jeito, Bel quis manter a palavra a Moriô e continuou monitorando de perto a incansável Michigan. Sua pouca tolerância em relação a ele não se anulou com o papo, no entanto, alguns minutos depois não deu outra, pouco antes da entrada do bar ela virou-se e o encarou com o olhar de sempre.

— O que ainda faz aqui? Para de me seguir!

— Você tá agitada demais, só estou de olho. — Bel se aproximou dela aos poucos, um passo de cada vez.

— Acha que sou uma criança, babaca?

— Engraçado, lembrei agora que esse foi o primeiro insulto que você usou contra mim na vida.

— Ao menos era divertido quando você ficava puto com isso.

— É que eu ainda te considerava. — Disse Bel, agora frente a frente com ela. Em resposta Michigan deu as costas e continuou andando até o bar onde parou, seus olhos fitaram o estabelecimento com um ar esquisito, como se estivesse emburrada. Se seu palpite estivesse correto sua fala marcou a primeira vez em muito tempo que Bel abalara seu coração, mesmo que de forma subconsciente.

REFERÊNCIAS

- BRENNER, Robin. **Understanding Manga and Anime**. Westport, Connecticut: Libraries Unlimited, 2007. ISSN 15424715.v. 26*E-book*.
- COHN, Neil. A different kind of cultural frame: An analysis of panels in American comics and Japanese manga. **Image & Narrative**, v. 12, n. 1, p. 120–134, 2011.
- DENISON; RAYNA. **Anime: A Critical Introduction**. London: Bloomsbury Academic, 2015.
- FURUYAMA, Gustavo. Mangá e a transmissão de cultura: o exemplo de Rurouni Kenshin. **Estudos Japoneses**, São Paulo, n. 28, p. 295–304, 2008.
- ISIN, Nisio. **Kizumonogatari: Wound Tale**. 1. ed. New York: Vertical, 2018.
- KING, Stephen. **Sobre a Escrita**. 1. ed. Rio de Janeiro: Suma, 2015.
- MARTINS, Altair. **Se Choverem Pássaros**. Porto Alegre: WS, 2002.
- SACCO, Joe. **Palestina, uma Nação Ocupada**. 3. ed. São Paulo: Conrad, 2000.
- SCHAUB, Joseph Christopher. Kusanagi's body: Gender and technology in mecha-anime. **Asian Journal of Communication**, Asian Journal of Communication, v. 11, n. 2, p. 79–100, 2001.
- SOMER, Emir. Human-robot relationship in anime films. Istanbul, 2010.
- SPENCE, Lucy K; KITE, Yuriko. Beliefs and practices of writing instruction in Japanese elementary schools. **Language, Culture and Curriculum**, South Carolina. [s. l.], v. 31, n. 1, p. 56–69, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07908318.2017.1338296>
- TROTTIER, David. **The Screenwriter's Bible, 6th Edition: A Complete Guide to Writing, Formatting, and Selling Your Script**. 6. ed. Los Angeles: Silman-James Press; 6th Expanded, Updated ed. edição (2 abril 2014), 2014. *E-book*.
- WEILAND, K.M. **Creating Character Arcs: The Masterful Author's Guide to Uniting Story Structure, Plot, and Character Development**. PenForASword Publishing, 2016.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br